

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CARLA CRISTINE SANTOS DO NASCIMENTO

EDUCAR PARA A PAZ:
Combatendo a violência na escola

São Leopoldo

2014

CARLA CRISTINE SANTOS DO NASCIMENTO

EDUCAR PARA A PAZ:

Combatendo a violência na escola

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós Graduação
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Prof. Ms. José Caetano Zanella

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N244e Nascimento, Carla Cristine Santos do
Educar para a paz: combatendo a violência na escola /
Carla Cristine Santos do Nascimento ; orientador José
Caetano Zanella. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.
67 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2014.

1. Educação – Finalidades e objetivos. 2. Paz – Estudo e
ensino. 3. Violência na escola. 4. Assédio na escola –
Prevenção. I. Zanella, José Caetano. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

Dedico este trabalho ao Recanto Acadêmico pelas condições financeiras de concluir essa etapa acadêmica mais do que especial na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Deus eu começo te agradecendo por cada oportunidade que o Senhor abriu para mim. Só Tu conheces as dificuldades, as dúvidas, as esperanças, os temores que rondaram a minha mente e o meu coração no desafio dessa jornada.

Não falar de ti é injusto! Minha mãe lhe agradeço porque sempre estive comigo me ajudando, me orientando, me amando.... Obrigado pelo teu imenso cuidado para comigo.

Leilane, mais do que uma amiga! Agradeço-te pela tua luta diária para me ajudar a vencer e mostrar do que sou capaz.

Aos meus professores da EST, em especial ao meu orientador professor José Caetano Zanella. Ao lhe conhecer, caro professor, me fez enxergar que competência se conquista com humildade, atenção, estudo e trabalho.

As minhas duas companheiras de trabalho Ellen e Elisângela. Obrigado meninas pelo carinho e paciência que tiveram comigo nessa luta tão difícil.

Aos meus familiares, em especial minha vó Argemira, lhes agradeço por sempre estarem comigo.

E a todos os meus inimigos que pensaram que eu não ia conseguir. A intensidade do negativismo de vocês me fez ir mais longe.

A escola é um espaço potencial de convivência. Nela, trabalhamos nossas habilidades e aprendemos a lidar com a riqueza da diversidade. E, quanto mais harmonioso for o ambiente, mais efetivo será o desenvolvimento dos aprendizes.

Gabriel Chalita

RESUMO

O tema do presente trabalho é Educar para a Paz: Combatendo a Violência na Escola. A violência cada vez mais se torna presente em todos os segmentos da sociedade e, no interior das escolas existem diversos tipos de conflitos e tensões que podem ser caracterizados como atos de Bullying, no entanto, muitas escolas negam a existência desse tipo de prática entre os/as alunos/as ou desconhecem a existência desse problema. Com frequência os comportamentos agressivos entre os/as estudantes não são levados em consideração e são ignorados pelos professores e pela escola em geral, no entanto, esses tipos de comportamentos acarretam sérias consequências individuais e sociais. Para melhor apresentar o texto da pesquisa, o mesmo ficou organizado em três capítulos: o primeiro capítulo trata de uma discussão mais teórica sobre o tema tendo como título “O que é violência?”, momento em que se faz uma confluência entre o pensamento dos pesquisadores do tema com as novas condições / possibilidades de reflexão demandadas pelo contexto atual em que se encontra a escola. O capítulo discute também o Conceito de Violência, Violência e Sociedade, Agressividade e Violência, As Diferentes Formas de Violência, Espaços onde ocorre a violência, Violência na Escola, Educação e Violência, Violência contra o professor. No segundo capítulo é enfatizada “A Violência e o Convívio do Educando na Escola” destacando o Fenômeno Bullying: Comportamentos Agressivos entre Estudantes. A unidade também aborda o que é o Bullying, histórico do fenômeno Bullying, Bullying escolar: os agressores, as testemunhas e as vítimas do Bullying. O terceiro capítulo explica a presença dos valores éticos no combate da violência escolar em uma tentativa de educar para a paz.

Palavras-chave: Educação. Violência. Bullying. Paz.

ABSTRACT

The theme of this paper is Educating for Peace: Combating Violence in the School. Violence is ever more present in all segments of society and inside the schools there exist various types of conflicts and tensions which can be characterized as acts of Bullying. However many schools negate the existence of this practice among the students or do not know of the existence of this problem. Frequently the aggressive behaviors among the students are not taken into consideration and are ignored by the teachers and by the school in general, however this type of behavior leads to serious individual and social consequences. To better present the research text, it was organized into three chapters: the first chapter presents a more theoretical discussion about the theme having as a title “What is violence?” where there is a confluence between the thinking of the researchers on the theme and the current context in which the school finds itself. The chapter also discusses the Concept of Violence, Violence and Society, Aggressiveness and Violence, the Different Forms of Violence, Spaces where violence occurs, Violence in the School, Education and Violence, Violence against the teacher. The second chapter emphasizes “Violence and the Communal Interaction of the Student in the School” highlighting the Bullying Phenomenon: Aggressive Behaviors among the Students. The unit also deals with what is Bullying, a history of the phenomenon of Bullying, School Bullying: the aggressor, the witnesses and the victims of Bullying. The third chapter explains the presence of ethical values in combating school violence in an attempt to educate for peace.

Keywords: Education. Violence. Bullying. Peace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O QUE É VIOLÊNCIA?	11
1.1 CONCEITO DE VIOLÊNCIA	11
1.1.1 Origens da Violência	13
1.1.2 Agressividade e Violência	14
1.2 VIOLÊNCIA E SOCIEDADE	16
1.2.1 As Diferentes Formas de Violência	19
1.2.2 Espaços onde ocorre a violência	21
1.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA	24
1.3.1 Educação e Violência.....	26
1.3.2 Violência Contra o Professor	28
2 A VIOLÊNCIA E O CONVÍVIO DO EDUCANDO NA ESCOLA	31
2.1 FENÔMENO BULLYING: comportamento agressivo entre estudantes	33
2.1.1 O que é Bullying?.....	34
2.1.2 Histórico do Fenômeno	36
2.2 BULLYING ESCOLAR: os agressores, as testemunhas e as vítimas do bullying	38
2.2.1 Os Agressores/Bullies	39
2.2.2 Vítimas	42
2.2.2 As Testemunhas	46
3 EDUCANDO PARA A PAZ: a presença dos valores éticos no combate da violência escolar	49
3.1 A PRESENÇA DOS VALORES ÉTICOS NO COMBATE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	50
3.2 EDUCANDO PARA A PAZ NAS ESCOLAS	56
CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

O ser humano, na contemporaneidade, vive em um mundo carregado de conflitos interpessoais, nacionais e globais e, invariavelmente, esses conflitos transformam-se em violência. A violência se dissemina na sociedade, e isso sem dúvida é apenas o começo de um fenômeno capaz de assumir proporções importantes enquanto não se levarem em consideração as condições sociais e psicológicas a partir das quais se desenvolve. Dentre as causas, encontra-se a desigualdade social, a intolerância, a desconsideração e o desrespeito ao outro. Vê-se a violência aflorar nos mais diversos ambientes: nos jogos de futebol com a rivalidades entre as torcidas organizadas, no trânsito, nos lares e a escola não fica fora dessa realidade.

Nesse cenário desafiador torna-se necessário desenvolver uma educação para a paz que transmita adequadamente preceitos fundamentais relacionados ao bom convívio escolar e social – que levem as crianças e os adolescentes a protagonizarem os valores éticos e as responsabilidades sociais – e ao aprendizado de habilidades que estimulem o diálogo, a cooperação e a solução pacífica dos conflitos. O principal objeto do respectivo estudo é o Bullying, considerado por muitos pesquisadores do assunto, como um dos principais fatores da prática da violência na escola.

O Bullying, que sutilmente vem se disseminando entre os/as escolares, cresce e envolve, de forma quase epidêmica, um número cada vez maior de alunos/as. Sua ação maléfica traumatiza o psiquismo de suas vítimas, provocando um conjunto de sinais e sintomas muito específicos. O fenômeno Bullying estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo, em larga escala, cidadãos/ãs estressados/as, deprimidos/as, com baixa autoestima, capacidade de autoaceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de autoafirmação e de autoexpressão, além de propiciar o desenvolvimento de sintomatologias de estresse, de doenças psicossomáticas, de transtornos mentais e de psicopatologias graves.

Os/as alunos/as vitimizados/as pelo comportamento do Bullying sofrem terrivelmente ao longo dos anos, muitas vezes sob a vista de seus/suas professores/as no ambiente escolar, nas salas de aulas. Sofrem silenciosamente, de maneira cruel e velada, maus-tratos, humilhação pública, rejeição social, gozações, perseguições, angústias, medos, desrespeito constante e repetitivo, quase sempre por serem diferentes em seu biótipo.

Diante das considerações acima, o respectivo trabalho tem como objetivo geral analisar a violência escolar, em especial a prática do Bullying, no contexto do ambiente educacional e ao mesmo tempo refletir os valores éticos em uma educação voltada para a paz. Os objetivos específicos são: Conhecer o que é o Bullying e suas conseqüências no ambiente escolar; Apontar as formas de manifestação da violência na sociedade e na escola; Identificar os principais valores éticos para prevenir e combater o Bullying na sala de aula promovendo uma educação para a paz.

A escolha do tema representa uma oportunidade de colocar em pauta a seguinte reflexão: Como os valores éticos contribuem na diminuição do Bullying em uma prática educativa voltada para a paz?. Nesse contexto as escolas precisam proporcionar estratégias de ação que vão além da ministração dos conteúdos programáticos, e estimulem valores como a tolerância, à solidariedade e o respeito para a construção da cidadania de maneira justa. Com os dados subjetivos para a análise e elaboração do presente texto, buscou-se fontes teóricas para análise alguns intelectuais renomados, sobretudo, como: Cleo Fante (2011), Miriam Abramovay (2003), Felipe Muratori (2007), que defendem a educação como um processo gradativo e contínuo que extrapola o ambiente escolar, bem como a nova configuração da educação para a paz na sociedade contemporânea.

Para melhor apresentar o texto da pesquisa, o mesmo ficou organizado em três capítulos: o primeiro capítulo aborda o tema tendo como título “O que é violência?” destacando a violência na escola. No segundo capítulo é enfatizada “A Violência e o Convívio do Educando na Escola” destacando o Fenômeno Bullying. O terceiro capítulo explica a presença dos valores éticos no combate da violência escolar em uma busca de educar para a paz.

Neste estudo, procura-se ver a escola como espaço coletivo, que deve propiciar condições de formação para a cidadania de toda a comunidade que atende. A escola possui grande significância para crianças e adolescentes, por conta disso precisa ser um espaço onde relações de amizade, companheirismo, solidariedade, respeito mútuo e cooperação sejam estimuladas e respeitadas, logo, não se pode consentir que sejam violentadas física e/ou psicologicamente.

1 O QUE É VIOLÊNCIA?

Este capítulo aborda a temática sobre um dos grandes desafios contemporâneos da sociedade: a violência. No respectivo estudo é retratado em que medida a violência, como reflexo social, considerada um fator resultante, sobretudo, de desigualdade social, miséria, pobreza, falta de políticas públicas e outros fatores culminam nessa prática cruel. Assim, enfatizar os pormenores da violência, dentro e fora da escola, que é um dos focos principais do trabalho em questão, é saber que o ser humano vive a mercê de condutas danosas, que, dependendo da violência, convertendo-se em rotina, fazendo parte do cotidiano pode causar prejuízos físicos ou psíquicos a quem recebe a ação.

Em virtude dessa consideração, a presente unidade do trabalho destaca pontos necessários para debater esse assunto: o conceito de violência procurando analisar também a agressividade, as diferentes formas de violência bem como salientando a violência na escola.

1.1 CONCEITO DE VIOLÊNCIA

Segundo a origem etimológica, violência é uma palavra que vem do Latim, de "*violentia*", que significa ímpeto, caráter violento, ou bravio, furioso, à força. O verbo "*violare*" significa tratar com violência, profanar, transgredir.

Abramovay define a violência como todo ato voluntário gerador de um dano físico ou psíquico a outra pessoa. A autora utiliza-se de duas definições para violência:

- a) Intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro (s) ou de grupo (s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de "acidentes", além das diversas formas de agressão sexual.
- b) Formas de violência simbólica (abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade); verbal; institucional (marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder).¹

Costa² defende a ideia de que violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Desse modo, agressões físicas, brigas e conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente de violência. Na violência, a ação é

¹ ABRAMOVAY, Miriam. *Violências nas Escolas*. Brasília: UNESCO, 2003. p. 91.

² COSTA, J. F. *Violência e Psicanálise*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996. p. 45.

traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador. A violência ocorre, então, quando há desejo de destruição.

Para o bom andamento do trabalho o conceito de agressividade está desenvolvido no decorrer do texto. Perine³ afirma que a violência, mesmo que possa ser graduada, contida, transformada e assumida como instrumento a serviço da razão, se configura como a exclusão deliberada de algo ou alguém. Afirma, ainda, que o ser humano é violento e razoável, precisando de regras para viver porque tem a consciência de que é o único ser que pode transgredi-la.

Costa reforça duas linhas básicas de pensamento quanto ao conceito de violência:

- a) a que acredita que a violência é inseparável da condição humana e da natureza humana, ou seja, a violência é interna ao indivíduo e, portanto, o ser humano em si mesmo é um ser violento;
- b) a que entende a violência como um fator social. Neste caso, o homem se torna violento sob a influência da sociedade, compreendendo-se, pois, que a violência é de natureza social, ou seja, externa ao indivíduo: os indivíduos se tornam violentos porque vivem numa sociedade violenta.⁴

Baseada nas assertivas acima pode-se afirmar que a violência implica um ato agressivo intencional, sendo, portanto, um tipo extremado de agressividade. Chauí⁵ identifica a violência como uma das características das relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação.

O termo violência, de natureza polissêmica, é utilizado em muitos contextos sociais. Como exemplo, podemos pensar que o termo violência pode ser empregado tanto para um homicídio quanto para maus – tratos emocionais, verbais e psicológicos. Na esfera conjugal manifesta-se com frequência através dos maus – tratos; ao submeter à mulher a práticas sexuais contra a sua vontade; maus – tratos físicos, isolamento social; ao proibir o uso de meios de comunicação; o acesso aos cuidados de saúde; a intimidação. No ambiente profissional observa-se a presença de assédio moral.⁶

Baseada no senso comum, a violência parece estar ligada à criminalidade e ser usada para expressar o que ocorre no espaço público, quando é cometida por desconhecidos. Quando os problemas ocorrem com vizinhos, colegas de trabalho e escola, não são reconhecidos como violência. O termo violência também indica que a situação é grave, o que,

³ PERINE, M. *Filosofia e Violência: sentido e intenção da filosofia de Eric Weil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997. p. 37.

⁴ COSTA, E. H. C. *A Trama da Violência na Escola*. Rio de Janeiro: FGV, 1993. p. 34.

⁵ CHAUI, M. *Uma Ideologia Perversa*. Folha de São Paulo. São Paulo: Caderno Mais, 1999. p. 07.

⁶ SACRAMENTO, L.; REZENDE, M. *Violências: lembrando alguns conceitos*. n. 24, p.95-104, jul./dez. 2006. p. 95 – 97.

culturalmente, parece significar que a violência doméstica, embora concretamente severa, não é representada como tal. Dentre os tipos de violência, a do tipo sexual é a mais associada ao conceito de violência.⁷

1.1.1 Origens da Violência

O ser humano tem usado da violência na sua relação com o outro, contra as suas cidades, contra os seus acervos históricos e culturais, consigo mesmo.

A violência da educação, segundo Neto,

[...] aprimorou-se na Idade Média, sendo comum a disseminação da violência presumida ou intelecta. Este tipo de violência estava baseado no ‘medo’ imposto por grupos de Igreja Romana, que entrava no imaginário das pessoas, educando-as conforme lhe aprouvesse, uma vez que ela era a detentora dos saberes, sobretudo a partir de seus mosteiros, verdadeiras fortalezas do monopólio do conhecimento.⁸

Neto lembra ainda Michel Foucault para afirmar que

Além da pedagogia do medo, através do teocentrismo, a educação medieval prezava os castigos corporais. [...] torturas, decapitações, enforcamentos e incinerações em praça pública para assim educar a população a não refutar os dogmas da Igreja. Essas punições eram feitas ‘em nome de Deus.’⁹

Zaluar afirma que a violência não é algo peculiar à uma determinada época ou mesma à uma determinada sociedade:

Em todas as sociedades, em todas as épocas ocorreram ações que se podem caracterizar como violentas já que apelam para o uso da força bruta, seja através de qual instrumento for, ao invés de apelar para o consentimento. O que varia são as suas formas de manifestação e as regras sociais que as controlam.... Quando a violência é controlada, ela só atinge os que participam das rixas e não envolve terceiros ou inocentes.¹⁰

A violência da educação medieval perpassava os castigos corporais, atingindo diretamente a força vital da população, a “fé”, não admitindo descontentamentos,

⁷ SACRAMENTO; REZENDE, 2006, p. 96

⁸ AGUIAR NETO, Francisco Carlos de. *As diversas violências na escola: ensino, constrangimento e agressão no ambiente escolar*. 2011. 58 f. Dissertação (mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011. p. 19.

⁹ AGUIAR NETO, 2011, p. 19-20.

¹⁰ ZALUAR, Alba. *Oito Temas para Debate: violência e segurança pública*. Rio de Janeiro, v. 38, p. 19, 2002.

consolidando a figura do educador onipotente e onisciente, cabendo aos seguidores ouvir e cumprir o que lhe foi ensinado sem indagações.

1.1.2 Agressividade e Violência

No ponto de vista psicológico, agressividade é um impulso destrutível que pode manifestar-se para fora ou para dentro do próprio indivíduo, que, por sua própria natureza, é um ser agressivo. Sempre está relacionada com o pensamento, imaginação ou ação verbal e não verbal. Muratori conceitua agressividade:

A complexidade do fenômeno “agressividade” é testemunhada pela etimologia da mesma palavra: *agredior* indica um movimento para diante, na direção de alguém, movimento que não implica necessariamente a intenção de praticar o mal. Como outras palavras que contêm a mesma raiz (re-gressão, trans-gressão), agressão assume também um significado patológico somente quando ultrapassa certo limite, que pode ser indicado como o *limiar* abaixo do qual algum comportamento pode ainda ser considerado normal. [...]. Por esse motivo, violência e agressividade não são sinônimas, e mesmo que provavelmente compartilhem as mesmas raízes, para que um comportamento agressivo assuma as características do ato violento é necessária a intervenção múltipla de fatores biológicos, psicológicos e sociais, ainda em grande parte desconhecidos.¹¹

Alguém muito “bonzinho” pode ter fantasias altamente destrutivas ou manifestar sua agressividade pela ironia, omissão de ajuda. Portanto, a agressividade não se caracteriza exclusivamente pela humilhação, constrangimento ou destruição de outra pessoa. Toda agressividade é um desejo voluntário, racional e consciente ou um desejo involuntário, irracional e inconsciente. Acerca do assunto, Ministério da Saúde assegura:

A agressividade está presente, em algum grau, em todos os seres humanos. Essa palavra pode ser utilizada num sentido restrito, para indicar o caráter belicoso de uma pessoa. Mas, em seu sentido mais amplo, a agressividade caracteriza-se como uma disposição fundamental, graças à qual os seres vivos podem obter a satisfação de suas necessidades vitais. Faz parte da característica do ser humano e se manifesta quando alguém se sente ameaçado fisicamente, no seu espaço territorial ou no espaço de suas relações pessoais e sociais.¹²

O Ministério da Saúde acrescenta que:

Alguns pesquisadores vinculam a agressividade a frustrações, pois, na medida em que esta torna-se intensa, pode provocar cólera, depressão e desespero. Muitas

¹¹ MURATORI, F. *Jovens Violentos: quem são, o que pensam, como ajudá-los*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 15-16.

¹² BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência Intrafamiliar: Orientações para a Prática em Serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. p. 90.

vezes, a agressividade é consequência de uma insatisfação profunda oriunda da falta de afeto ou de um sentimento de desvalorização pessoal. Mas as pessoas organizam e vivem esses sentimentos e as suas formas de expressão de maneira diversas. A agressividade pode também ser canalizada na produção de um trabalho, de uma obra, a partir da sublimação dos impulsos agressivos.¹³

Portanto, a agressividade pode estar a serviço do desenvolvimento das pessoas e da sociedade como pode também ser canalizada para os conflitos, para as guerras. Caram elabora um contraponto sobre a prática da agressão:

A agressão não é necessariamente um mal, seu fim primário é a conservação da espécie. Como tal a agressão não é nem boa, nem má. Ela pode servir tanto para fins destrutivos como para fins construtivos. O homem necessita dela para impulsionar-se. Em pequenas doses a agressividade é um estimulante, em fortes doses representa um veneno. Todo homem possui capacidade instintiva de conquistar o respeito de seu próximo, de adquirir uma posição social, de lutar e vencer, e o homem busca tudo isso utilizando a sua agressividade e colocando-a a serviço das estruturas sociais. Ela se encontra perdida nos alicerces dos edifícios sociais e culturais. Penetra a vida social do homem e fecunda suas instituições. As instituições, na medida em que servem ao indivíduo, absorvem uma boa parte da agressividade e a utiliza para fins úteis à sociedade. Todavia quando as instituições são utilizadas para fins ideológicos, elas transformam a agressividade em violência. Visto a agressividade individual estar ligada às instituições sociais, a sequência das pesquisas nos conduz a analisar a agressividade em relação às estruturas sociais.¹⁴

Os danos, as lesões, os traumas e as mortes causados por acidentes e violências correspondem a altos custos emocionais e sociais e com aparatos de segurança pública. Causam prejuízos econômicos por causa dos dias de ausência do trabalho, pelos danos mentais e emocionais incalculáveis que provocam nas vítimas e em suas famílias e pelos anos de produtividade ou de vida perdidos. Westphal, na folha de rosto de sua obra, afirma:

A violência é hoje uma das grandes preocupações da sociedade brasileira e é motivo de grandes questionamentos. Constitui a segunda causa de mortalidade no obituário geral, a primeira causa nas faixas etárias de 5 a 39 anos, e causas de lesões e traumas físicos e emocionais, provocando problemas, alguns diagnosticáveis, outros difusos, todos de grande magnitude, que afetam indivíduos, famílias, grupos e a sociedade como um todo.¹⁵

Na verdade, desde a colonização do Brasil, a violência faz parte da história da sociedade. A escravidão dos índios e a dizimação de suas tribos, a escravidão dos negros que eram arrancados de sua comunidade na África, a exploração dos imigrantes vindos de outros

¹³ BRASIL, 2001, p. 90

¹⁴ CARAM, 1978, p. 43

¹⁵ WESTPHAL, M. F. *Violência e Criança*. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 67.

países, tudo isso mostrava um Brasil dominado pelo poder que não media consequências violentas e as desigualdades sociais para alcançar lucros. Evidentemente que essa violência se estende até os dias de hoje, na sociedade contemporânea e globalizada.

1.2 VIOLÊNCIA E SOCIEDADE

Sabe-se que a violência é um tema muito discutido nos dias atuais, embora acompanhe toda a história da humanidade. Ocupa hoje um lugar destacado, porque está se tornando um modo de relação dominante, que vai penetrando todos os campos do cotidiano e comprometendo a vida e a saúde física e mental das pessoas. Mediante a isso, Odalia faz as seguintes observações sobre a presença assustadora da violência na sociedade:

A violência no mundo de hoje, parece tão entranhada em nosso dia-a-dia que pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial, para se transformar numa forma do modo de ver e de viver o mundo do homem.

Essa violência, qualquer que seja sua intensidade, está presente nos bairros sofisticados e nas favelas, nos bairros da classe média e nos pardieiros, nos campos de futebol da várzea ou no estádio do Morumbi. Ela se estende do centro à periferia da cidade e seus longos braços a tudo e a todos envolvem, criando o que se poderia chamar ironicamente de uma democracia na violência.

Nos bairros em que abundam os pardieiros e favelas, a violência não pode ser escoraçada e evitada com cercas e muros. Ela é uma realidade com a qual se convive, uma realidade cuja proximidade e intimidade auxiliam esquecê-la. Ela é enfrentada como uma das tantas calamidades que se enfrentam no cotidiano. Sobreviver aí é sofrer e produzir violência.¹⁶

A violência é um fenômeno que se faz presente na trajetória das relações sociais, desde a época mais remota, nas antigas sociedades. Em cada época e em cada lugar, ela assume diferentes formas, sendo que as pessoas são frequentemente submetidas às mais variados tipos de violência. Anatrella¹⁷ assegura que a violência se dissemina na sociedade, e isso sem dúvida é apenas o começo de um fenômeno capaz de assumir proporções importantes enquanto não se levarem em consideração as condições psicológicas a partir das quais se desenvolve. A autora ainda reforça que a violência pode assumir diferentes formas de expressão: misturam-se roubos, a formação de gangues, as mentiras, os insultos, as ameaças, os golpes e ferimentos que às vezes causam a morte, as agressões sexuais etc.

Caram argumenta:

¹⁶ ODALIA, N. *O que é Violência*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 09-12.

¹⁷ ANATRELLA, T. *Diferença Interditada: Sexualidade, Educação e Violência*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 35.

Visto a violência ser um fenômeno complexo, sua análise, hoje, não pode mais se restringir ao aspecto moral de relações diretas e nem mesmo a alguns aspectos da economia, da política ou da sociologia. Ela atinge a totalidade da vida humana. Por isso, necessário se torna um estudo interdisciplinar, pois cada ciência poderá, direta ou indiretamente, contribuir para a compreensão da problemática. Embora, a rigor, a violência não pertença a nenhum campo específicos dos quadros científicos. Como ato humano poderá ser estudada por qualquer ciência. Evidentemente, cada uma a analisará segundo seus conceitos, princípios, objetivos e perspectivas.¹⁸

A violência é um fenômeno social e deve ser controlada. Esse controle significa agir nas suas causas. Levisky acredita que “a história da humanidade tem mais anos de guerras do que de paz, mais de violência do que de amor. Violência para destruir e violência para construir.”¹⁹

Arroyo sustenta que há brutais processos de desumanização de milhões de seres humanos que são levados a invadir vilas miseráveis, se amontoarem em favelas, viverem nas ruas, o que não deixa dúvidas de que estamos diante de um fato histórico persistente.²⁰

Na atualidade, vive-se em um mundo de opressão, exclusão, de miséria, desemprego e subemprego. Enquanto não houver sensibilidade humana e solidariedade, o ser humano se sentirá impotente com esta realidade que o cerca e incomoda. Se a violência está presente nos contatos humanos, na sociedade, muitas vezes é para exprimir conflitos de ordem política, econômica, territorial ou, no plano individual, conflitos conjugais ou relacionais.

Levisky faz a seguinte reflexão:

Assim cada um passa a ser responsável por sua ação e por suas conseqüências. Em resumo, atinge-se o desenvolvimento das funções básicas do ego. Estas funções básicas se desenvolvem ao longo da vida; pela própria experiência, de acordo com o ambiente onde cada um vive e a intensidade que cada um traz de força de vida, de busca de união, de integração e de ligação, que herdamos geneticamente, e também o que trazemos com tendência à ruptura, de desligamento, de separação, de tendência desintegrativa, destrutiva, agressiva, de evitação de contato com a realidade.²¹

Ceccopiere pondera que:

A sociedade moderna levou o indivíduo ao seu potencial máximo, mas ao fazê-lo consolidou uma ordem econômica que o transformou em número estatístico. O espaço para a produção e reprodução de valores sociais tem diminuído em detrimento do almejado estilo moderno de vida baseado no consumo de bens e

¹⁸ CARAM, D. *Violência na Sociedade Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 13

¹⁹ LEVISKY, D. V. *Adolescência e Violência: Consequências da Realidade Brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 35.

²⁰ ARROYO, M.G. Quando a Violência Infanto-Juvenil indaga a Pedagogia. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 787-807, out. 2007.

²¹ LEVISKY, 1997, p. 113.

mercadorias. Em outras palavras, o ser humano sofre um processo de desumanização e crescente racionalização econômica. [...] O jovem se agrega a seus iguais formando gangues e se rebela na escola que é a porta de entrada dessa sociedade que eles ao mesmo tempo idolatram e repudiam. A juventude vive o paradoxo de uma sociedade que oferece um horizonte ilimitado à ação humana, mas lhe deixa sozinho diante das incertezas do cotidiano.²²

O ser humano é altamente individualista e egoísta, mas incapaz de exercitar sua individualidade sozinho – ele necessita de um grupo. Isso não significa que a violência seja justificável, mas não exige a sociedade da sua responsabilidade. Nesse sentido, não se pode resumir o mundo e a juventude a meras disfunções do mercado.

Entretanto, vale ressaltar a influência das drogas enquanto fator, ao mesmo tempo, incrementador e gerador da violência, ou seja, a violência oriunda do consumo ou tráfico de drogas. “É preciso reconhecer, no entanto, que as agressões não se devem somente ao tráfico. Alunos e ex-alunos lideram depredações e destroem equipamentos porque não encontram respostas as suas expectativas.”²³

Sobre essa situação, Caram analisa:

A violência sempre supõe duas partes: natureza – cultura; indivíduo – sociedade; ricos – pobres; razão – desrazão; tradição – evolução; ordem – contra ordem; ingênuos – espertos; desenvolvimento – subdesenvolvimento; opressor – oprimidos; senhor – escravo... Em suma é dialética, oposição de contrários. É nomeada como violência manifesta e latente; que denuncia e esconde; que acomoda e exige; defensiva e agressiva; premeditada e instintiva; opressora e libertadora; destruidora e construtora; negativa e positiva; ilegítima e legítima; justa e injusta.²⁴

Contudo, a violência e a desigualdade social são fatos consumados.

1.2.1 As Diferentes Formas de Violência

O homem possui mais do que um interesse remoto e científico na agressão. A sua dificuldade em viver harmoniosamente com a natureza e com seus companheiros ameaça todas as formas de vida. O seu próprio futuro pode depender de sua capacidade de compreender e controlar o comportamento agressivo. Inúmeros são os tipos de violência

²² CECCOPIERE, Ana Paula Lopes. *Jornada inicial para a compreensão da relação violência-escola*. 2003. 32 f. Monografia (Pós-Graduação em Psicopedagogia). Universidade Cândido Mendes, 2003. p. 19. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/6/ANA%20PAULA%20LOPES%20CECCOPIERI.pdf>. Acesso em 15 jun. 2015.

²³ ANATRELLA, 2001, p. 180.

²⁴ CARAM, 1978, p. 13

apontada por juristas, psicólogos e organismos internacionais, entre elas a Organização Mundial de Saúde.

a) **Violência Física:** é a ação ou omissão que coloca em perigo ou causa dano à integridade física de uma pessoa. Agredir deixando marcas como hematomas, cortes, arranhões, manchas e fraturas, quebrar seus objetos, utensílios e móveis, rasgar roupas, esconder ou rasgar pertences e documentos, trancar a mulher em casa.

b) **Violência Psicológica:** no ponto de vista psicológico a violência se destina a degradar ou controlar as ações, comportamentos e decisões de outras pessoas, por meio de intimidação, ameaça direta ou indireta, humilhação, manipulação, isolamento, sempre está relacionada com o pensamento, imaginação ou ação verbal implicando prejuízo à saúde psicológica.

Ainda sobre a violência psicológica, o Ministério da Saúde enfatiza:

É toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento dos indivíduos por agressões verbais ou humilhações constantes, como: ameaças de agressão física, impedimento de trabalhar fora, de sair de casa, de ter amizades, de telefonar, de conversar com outras pessoas.

Assédio Moral: É a exposição de um trabalhador a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas, em que prevalecem atitudes e condutas negativas dos chefes em relação a seus subordinados. A vítima escolhida é isolada do grupo sem explicações, passando a ser hostilizada, ridicularizada, inferiorizada, culpabilizada e desacreditada diante dos colegas. As vítimas podem apresentar sintomas como depressão, palpitações, tremores, distúrbios do sono, hipertensão, distúrbios digestivos, dores generalizadas, alteração da libido e pensamentos ou tentativas de suicídios.

Privação ou Negligência: É a ausência de atendimento às necessidades básicas, físicas e emocionais das crianças, adolescentes, adultos, idosos ou pessoas com deficiência (física, intelectual ou mental, visual, auditiva).²⁵

c) **Violência contra a mulher (doméstica):** é toda ação ou conduta que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico, à mulher tanto em espaço público ou privado, motivada apenas por sua condição de mulher. Também é chamada violência de gênero, porque atinge as mulheres sem distinção de raça, classe, religião, idade, sendo produto de um sistema social que subordina o sexo feminino.

O Ministério de Saúde destaca:

A visibilidade da violência contra a mulher, entendida como uma expressão da violência de gênero deve muito de sua força ao movimento feminista que, junto com a politização da questão ambiental, constitui o mais importante movimento social do século XX. A partir da segunda metade desse século, sua estratégia de ação se centrou na desconstrução das seculares raízes culturais da inferioridade feminina e

²⁵ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. p. 13.

do patriarcalismo, nas denúncias das diversas formas de violência, nas tentativas de modificar as leis que mantinham a dominação masculina e na construção de novas bases de relação, protagonizada por mudanças de atitudes e de práticas nas relações interpessoais. A vitimização da mulher no espaço conjugal, por exemplo, foi um dos maiores alvos da atuação do movimento feminista, que nos últimos 50 anos vem buscando desnaturalizar os abusos, os maus-tratos e as expressões de opressão. Assim, problemas que, até então, permaneciam como segredos do âmbito privado – “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” – passaram a ter visibilidade social. A violência contra mulheres, em maioria, se exprime na esfera privada, embora, mostram as feministas, o âmbito privado é político também. Por exemplo, manifesta-se no seio da família com a violação incestuosa, com as mutilações genitais, com o infanticídio, com a preferência pelo filho homem, com os casamentos forçados. Dentro do casamento, expressa-se na relação por meio do estupro conjugal, pelas pancadas, pelo controle psicológico, pelo proxenetismo, pelo crime de honra ou, às vezes, pelo assassinato da esposa.

No domínio público, a violência se manifesta pelo assédio sexual e moral no trabalho, pelas agressões sexuais, pelo estupro coletivo, pelo tráfico sexual, pelo uso da mulher na pornografia, pelo proxenetismo organizado, pela escravidão e pelas esterilizações forçadas, dentre outras. Todas essas expressões lembra o referido documento, freqüentemente, são toleradas, silenciadas, desculpadas pela dependência das mulheres em relação aos homens ou por explicações psicologizantes inaceitáveis, tais como: os homens são incapazes de controlar seus instintos, os estupradores são doentes mentais, as mulheres gostam de homens agressivos.²⁶

d) Violência Sexual: uma das formas de violência existente na sociedade, que obriga uma pessoa a manter contato sexual com uso da força, manipulação, coerção, chantagem, suborno, intimidação e ameaça. A violência sexual é considerada também quando o agressor obriga a vítima a fazer sexo com terceiro. Na maior parte dos casos, o autor desse tipo de violência é pessoa conhecida ou parente, ou seja, pessoa de confiança com a qual a vítima tem uma relação de amor, afeto e dependência econômica. Sobre esse tipo de violência o Ministério da Saúde define:

É todo o ato no qual uma pessoa em relação de poder e por meio da força física ou intimidação psicológica obriga a outra a executar ato sexual contra a sua vontade. A violência sexual ocorre contra as crianças e adolescentes as mulheres, as pessoas com deficiência ou idosos. É sempre considerado crime, seja praticada por desconhecido ou por familiares: pai, padrasto, avô, tio, companheiro, ou até mesmo marido. A violência sexual pode ocorrer em uma variedade de situações como:

- a) Abuso incestuoso / Incesto: São atividades de cunho sexual envolvendo pais, irmãos ou outro parente próximo, os quais se encontram em uma relação desigual de poder. Costuma ser mantido em sigilo pela família pelo alto grau de reprovação social. Pode ocorrer em situações de crianças e adolescentes com deficiência física ou mental, que apresentam mais fragilidade e menos condições de defesa.
- b) Atentado violento ao pudor: As relações sexuais (carícias íntimas, masturbação, sexo oral e anal) neste caso são diferentes da conjunção carnal e, portanto, podem ter como sujeito ativo ou passivo homens ou mulheres que forem submetidos a essas práticas sem consentimento, mediante violência ou grave ameaça.

²⁶ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. p. 120.

- c) Estupro: De acordo com a legislação vigente, a relação sexual vaginal, quando ocorre sem o consentimento da mulher, devido à utilização de violência ou grave ameaça praticada por desconhecido ou pelo parceiro.
- d) Assédio sexual: Constranger alguém com objetivo de obter vantagem ou favorecimento sexual, utilizando-se de sua condição de superioridade hierárquica no trabalho ou função. A ação do agressor inclui ameaças veladas, sussurros, olhares maliciosos a portas fechadas.
- e) Exploração sexual: É o uso de pessoas de qualquer idade ou sexo, com fins comerciais ou lucro, para manter relações sexuais, produzir materiais pornográficos (fotos, filmes, vídeos etc.).
- f) Pornografia infantil: Apresentação, produção, venda, fornecimento, divulgação e publicação, por qualquer meio de comunicação, inclusive a rede mundial de computadores (internet), de fotografias ou imagens com pornografia ou cenas de sexo explícito envolvendo crianças ou adolescentes.
- g) Pedofilia: É o ato de um adulto ao manter atividades sexuais com uma menina ou menino, o que constitui um crime.
- h) Voyeurismo: Transtorno de personalidade da preferência sexual, com tendência de observar pessoas em atividades sexuais ou íntimas (tirar a roupa, por exemplo), com o propósito de excitar-se, sem que a pessoa observada saiba ou com sua aprovação.²⁷

Assim a violência sexual atinge homens e mulheres no cotidiano da sociedade.

1.2.2 Espaços onde ocorre a violência

A violência já se transformou em um modo de ser, ela não escolhe faixa etária ou classe social, se estende a todos e é exercida em todos os planos: no físico e no psíquico. O mais aterrorizador, deprimente e preocupante é que ela faz parte da cultura, que em torno dela se articula, na ausência de regras e valores que torne desejável, para as novas gerações, uma conduta de respeito para com o outro.

A violência que acontece nos espaços sociais tem repercussões na vida dos indivíduos de todas as faixas etárias. Esses espaços incluem a casa, a rua, a escola, o local de trabalho e as instituições. No espaço doméstico, os principais tipos de violência são voltados contra crianças, adolescentes, mulheres e idosos. A violência pode ser física, inclusive limitando-se a parte genital, gerando violência sexual em forma de incesto, estupro ou abuso, com repercussões psicológicas profundas.

Sacramento e Rezende afirmam:

Uma pessoa que tenha sofrido uma agressão é uma vítima, pois seu psiquismo é alterado de maneira mais ou menos duradoura. Mesmo quando sua maneira de reagir à agressão contribui para estabelecer com o agressor uma relação auto – alimentada e que dá a impressão de ser ‘simétrica’, não devemos esquecer que essa pessoa sofre ou sofreu uma situação pela qual, na maioria das vezes, não é responsável. Embora as vítimas se queixem de seu parceiro

²⁷ BRASIL, 2009, p. 11-13.

ou daqueles com quem convivem, é raro terem a consciência de que existe esta temível violência subterrânea e que ousem queixar-se dela.²⁸

Crianças que são espancadas por seus pais são reféns: jovens e fracos demais para escapar e se defender do abuso. Elas são totalmente dependentes daquelas mesmas pessoas que infligem dor e danos e estão à sua mercê repetidamente durante anos. Essas crianças crescem e se tornam confusas e envenenadas pela agressão que vivenciaram. Crianças e jovens que assistem ao espancamento de sua própria mãe ficam com marcas profundas, mesmo não tendo sido a violência dirigida diretamente a eles.

No espaço da rua, a violência manifesta-se intensamente e de diversas formas. Assaltos, roubos, furtos, brigas e espancamentos são alguns exemplos que ocorrem com muita frequência nas ruas de uma grande cidade. No trânsito, são inúmeros os casos de violência ocasionados pela falta de limite dos direitos de uns em relação aos demais, pelo desrespeito às regras de trânsito ou pela manifestação de agressividade às situações enfrentadas. A prostituição infantil e juvenil, assim como as manifestações de violência sexual, também ocorrem no espaço da rua. Em muitas situações, a violência ocorre em função do uso de drogas, incluindo o álcool:

Dentro dos lares, essas posturas também são assumidas e exigidas, apesar de vários grupos, a partir dos anos 60, as caracterizarem como rígidas e disfuncionais. Os papéis acabam por restringir os comportamentos dos indivíduos a determinadas atividades consideradas apropriadas para o seu sexo. Desta forma, os homens, especialmente os homens jovens, estariam muito mais sujeitos do que as mulheres à violência no espaço público e ao homicídio, cometido por estranhos ou conhecidos. Já as mulheres estão mais sujeitas a serem agredidas por pessoas conhecidas e íntimas. Este fato pode significar violência repetida e continuada o que, muitas vezes, se perpetua cronicamente por muitos anos ou até vidas inteiras.²⁹

No espaço da escola, por ser um fenômeno social, é inevitável que a violência tenha repercussões na escola. Nos últimos anos, aumentaram consideravelmente os episódios de violência na escola. No Brasil, os maiores problemas enfrentados por alunos, professores e diretores estão relacionados mais diretamente ao uso de drogas.³⁰

O contexto econômico também é responsável por atritos. Os alunos que estudam em escolas públicas têm consciência da falta de qualidade e das chances reduzidas de passar no vestibular e ingressar no ensino superior. Além disso, para os dirigentes da escola, a violência

²⁸ SACRAMENTO; REZENDE, 2006, p. 99

²⁹ SACRAMENTO; REZENDE, 2006, p. 99-100.

³⁰ SACRAMENTO; REZENDE, 2006, p. 99 – 100.

tem causas mais profundas; está ligada à desagregação familiar, à omissão dos pais e à falta de perspectivas. Somam-se a isso os baixos salários dos professores, as jornadas excessivas de trabalho e a falta de treinamento e capacitação.³¹ Mas, diferentes expressões de violência costumam permear, de forma clara e sutil, o relacionamento estabelecido na comunidade escolar e desenvolvimento das atividades pedagógicas, como um reflexo ou uma forma de reprodução da vida social.

No espaço de trabalho, a insegurança gerada por um crescente desemprego e o aumento da tensão envolvida nos processos de trabalho têm gerado muita agressividade, que pode manifestar-se no próprio local de trabalho, mas muitas vezes, termina sendo expressa na vida social ou em casa, junto aos familiares. Muitos casos de espancamento de mulheres e crianças surgem neste contexto. Em muitos casos, além de ser privada do seu direito à infância, a criança realiza trabalhos que prejudicam sua saúde, comprometendo seu crescimento, desenvolvimento e suas potencialidades para a vida adulta.

Trabalho é uma categoria central tanto da organização da sociedade como da sua evolução. Enquanto atividade humana é o fundamento da produção da cultura, pois, ao realizá-lo, os seres humanos se objetivam em bens, artefatos e serviços; articulam-se com a natureza; criam uma rede de comunicação e de interação social e recriam a si próprios. Por isso, o trabalho é estruturante da subjetividade, das condições de saúde e das condições de existência, embora cada um desses processos tenha sua história própria e seu campo de abrangência específico. Pelo seu papel central na sociedade, o mundo do trabalho sofre os influxos das mudanças e de todos os problemas que ocorrem na sociedade e também gera transformações e desagregações, como é o caso da violência: a que acontece na dinâmica das relações sociais e a que se exerce nas relações de produção. A violência nas relações e nos ambientes de trabalho faz parte da dinâmica da violência social brasileira, constituindo, em suas mais diversas expressões, um problema que ultrapassa as fronteiras do setor. A violência envolve diferentes classes sociais, homens e mulheres, grupos étnicos e grupos de idade.

Conceitualmente, a violência no trabalho pode ser categorizada como: **estrutural**, quando é parte das relações de desigualdade, de dominação e de exploração dos trabalhadores, juntando expressões econômicas, políticas e simbólicas em diferentes épocas históricas. Hoje, a continuidade do trabalho escravo, do trabalho infantil, o crescente desemprego e a informalidade nas relações de produção são as formas mais cruéis de sua manifestação. A violência estrutural reatualiza-se, permanentemente nas relações em forma de **violência interpessoal** inter e intraclasses e segmentos. Suas modalidades mais frequentes são as discriminações, a superexploração por meio do coronelismo, do clientelismo, das ameaças diversas e no plano cultural, pelo assédio moral, sexual e pela homofobia. No mundo do trabalho, há também expressões da violência de resistência que se caracteriza pela reação agressiva dos trabalhadores às diferentes formas de superexploração.³²

No espaço das instituições e, sobretudo, nas instituições de guarda de crianças e adolescentes (centro de recuperações e prisões). Aqui a violência toma sua forma mais

³¹ SACRAMENTO; REZENDE, 2006, p. 99 – 100.

³² BRASIL, 2005, p. 243 – 244.

exacerbada. A carência afetiva, as precárias condições institucionais, o tráfico e o uso de drogas e a cultura da agressividade existente entre os companheiros de infortúnio são os principais geradores da violência que culmina com frequência na morte de uns pelos outros. Muitas instituições públicas ou privadas, inclusive aquelas cuja missão é o atendimento à população, são marcadas pela produção e reprodução da violência. Essa realidade pode ser constatada em instituições de caráter distintas como serviço de saúde ou instituições de educação, bancos ou órgãos encarregados da formulação ou implementação de políticas sociais.

1.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A violência escolar é uma realidade que nas suas manifestações intraescolares se apresenta como reflexo da violência social. A crescente onda de violência nas escolas tem alarmado a sociedade. A violência atinge todas as classes sociais. Na dimensão territorial, o problema não é apenas nacional, mas mundial. Constitui-se, segundo a opinião pública, em uma das maiores preocupações nas cidades. Acredita-se que os casos de violência na escola podem ser compreendidos a partir de um processo mais geral de crise da sociedade capitalista contemporânea – um subproduto negativo da globalização.

A negação dos direitos fundamentais à maioria da população brasileira encontra explicação no modelo econômico e social excludente, que apresenta grandes disparidades quanto ao acesso da população aos bens sociais, caracterizando-se como uma sociedade que apresenta uma das piores distribuições de renda do mundo. A convivência dos indivíduos, com a desigualdade social certamente contribui para a degradação do comportamento humano; é preciso que trabalhemos um novo formato de prática pedagógica, em que a escola passe a ser, de fato, local e aprendizagem, de uma nova cultura, a da aprovação e da formação da cidadania, entendida como materialização dos direitos sociais a todos os cidadãos.³³

Do ponto de vista social, a família, a escola e a comunidade são os espaços nos quais a afetividade vai se desenvolver, os sentimentos, as emoções e paixões que vão compor a afetividade que têm origem nas experiências vividas nesses contextos e nos valores e modelos de comportamentos expressos pelas pessoas que cercam cada indivíduo. Os modelos de comportamento estruturados sobre os valores vigentes são, com frequência, os da violência. Os modelos de conduta violenta ou contraditória por parte das figuras parentais contribuem de maneira decisiva, desde a primeira infância.

³³ GONÇALVES, L; TOSTA, S. (org). *A Síndrome do Medo Contemporâneo e a Violência na Escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 243.

Sobre a prática da violência, Caram corrobora:

A violência é uma realidade inegável na vida social dos nossos tempos. Considerar suas causas mais profundas, incluindo mesmo algumas que parecem mais remotas, exige coragem; podem-se encontrar verdades muito duras [...]. Descobrir-se-ão, talvez, forças trabalhando com ela muito menos sublimes e nobres do que se pensa. Suas dimensões e raízes chegam até a vida de cada homem que em última instância se beneficia da própria violência que condena. Se levar em conta os diversos fatores de influência na sociedade, ver-se-á que a violência é sempre um fator histórico, isto é, está profundamente relacionada com as condições sociais e históricas predominantes.³⁴

Outro fator a ser considerado é a agressividade presente, em algum grau, em todos os seres humanos. A agressividade serve como mecanismo de defesa e cumpre a função de autoproteção. Outro fator que favorece a violência é o uso e abuso das drogas, incluindo o alcoolismo, que é a forma mais difundida de dependência de drogas em nossa sociedade. Em diversas comunidades, o cenário que favorece a violência na escola é o da intensa comercialização das drogas ilegais. Charlot assegura:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...).³⁵

Dentro dessa mesma concepção, Gonçalves e Tosta³⁶ explanam que a escola, em especial a pública, tem sido protagonista de vários episódios que têm preocupado a sociedade, principalmente as pessoas que nela se arriscam diariamente e também autoridades e pesquisadores. Entretanto, constitui preocupação também as instituições da rede de ensino privada que, a despeito do seu silêncio sobre a violência escolar, não tem conseguido impedir que sua clientela se destaque na mídia em atitudes de violência social, evidenciando que também essas escolas não estão imunes ao quadro de violência que se verifica na escola.

³⁴ CARAM, 1978, p. 11.

³⁵ CHARLOT, B. *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Sociologias, Porto Alegre, n.8, p. 432, 2002.

³⁶ GONÇALVES; TOSTA, 2008, p. 153

A escola há poucas décadas, era um lugar aonde se ia para aprender, para encontrar os colegas, merendar e para brincar no recreio. Assim, ela abrigou nossos desejos e realizou parte das nossas fantasias. Os temores eram por conta da lição mal sabida e da intolerância de alguns professores. No mais, era um lugar que infundia respeito e segurança contra as agressões externas, embora, internamente, xingamentos e castigos corporais fossem de aplicação costumeira em nome da manutenção da ordem e da disciplina.³⁷

Assim, a violência como fenômeno social não é estranha, porquanto seja histórica. O que tem surpreendido é a reprodução dessa violência no interior da escola, de forma explícita e terrivelmente ameaçadora, pondo em risco a integridade física e psicológica de todos os que nela estão e colocando em xeque as finalidades que justificam sua existência.

1.3.1 Educação e Violência

Nos últimos anos muito se tem falado de violência, até porque esta passou a fazer parte do cotidiano da sociedade, o que explica o interesse em discuti-lo. Esta motivação é comprovada em pesquisa realizada recentemente pelos meios de comunicação, sobre os problemas que mais inquietam a população. A violência, entre outros foi destacada por pessoas de diferentes camadas sociais, como um dos principais problemas, especialmente aquela que atinge a vida e a integridade física dos indivíduos

A escola contemporânea, contrariando sua função histórica de socialização dos indivíduos, está se colocando, cada vez mais isolada da comunidade que a cerca, pela adoção de várias medidas de proteção tomadas para conter a violência, a exemplo dos policiamentos, das cercas eletrificadas, muros altos, e que têm se mostrado ineficazes. Antes, tais medidas, em especial os muros altos, eram esporádicas na contenção da violência externa que ameaçava a escola e seus alunos. Hoje, são medidas adotadas com certa desenvoltura e naturalidade pelas instituições de ensino em qualquer grau, incentivada, muitas vezes, por políticas públicas.³⁸

Este problema tomou tamanha proporção que está sendo visto como de âmbito mundial e também uma questão de utilidade pública, pois a sua manifestação se propaga em proporções semelhantes às das doenças infecciosas, uma vez que afeta grandes metrópoles³⁹. Portanto, esta problemática não é uma característica apenas da sociedade brasileira. Outras sociedades da América Latina e da América Central também vivem experiências de taxas elevadas de violações dos direitos humanos, inclusive a violação à vida é muito frequente, como é o caso do Peru, Colômbia, El Salvador e Guatemala:

³⁷ GONÇALVES; TOSTA, 2008, p. 154

³⁸ GONÇALVES; TOSTA, 2008, p. 155

³⁹ DIMENSTEIN, G. *O Cidadão de Papel*. São Paulo: Folha de São Paulo, 1996. p. 10.

A violência é um fenômeno complexo, é a manifestação exterior e o sintoma de um desequilíbrio mais profundo. Para analisar as causas deste mal endêmico, não basta uma observação superficial, mas será preciso mergulhar no interior das estruturas do ser humano e chegar até às estruturas sociais que o ser humano, através da evolução histórica, construiu.⁴⁰

A violência no mundo capitalista que valoriza, essencialmente, o consumo, as coisas materiais, a aparência em detrimento da essência da pessoa humana, valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito, tolerância são poucos estimulados nas práticas de convivência social, quer seja na família, na escola, no trabalho ou em locais de lazer.

A violência aparece de forma explícita nos meios de comunicação de massa. São vários os programas que enfatizam e reproduzem os atos de violência e até de barbárie que acontecem frequentemente nas sociedades em geral. Na verdade a escola também reflete o modelo de violência e de convivência social, pois muitos educadores não se apercebem como violadores dos direitos dos alunos. É comum entre os educadores a percepção de que a violência escolar é uma realidade que nas suas manifestações se apresentam como reflexo da violência social, portanto os docentes se sentem praticamente impotentes diante de tal fenômeno que se situa além da prática pedagógica.

O aluno espera receber da escola uma educação que atenda suas expectativas compreendendo, valorizando e preparando-o para o mundo. Essa expectativa é frustrante porque a educação que lhe é ensinada nada tem a ver com sua vida, com seus problemas. O professor não é o amigo que ele esperava, e sim o que sabe tudo, o que cobra, o que manda ficar quieto, o que pune e que reprova quando ele não consegue aprender. O professor não observa estas formas de relacionamento com os alunos como desrespeitosas ou violentas e, que a violência na escola aparece, basicamente, na relação entre os alunos, pois todos são produtos do conjunto das relações sociais de uma determinada sociedade da qual fazem parte. Daí é importante ter conhecimento de como essas relações são produzidas para que se possa pensar em alternativas de superação.⁴¹

⁴⁰ CARAM, 1978, p. 15

⁴¹ ABRAMOVAY, 2002, p. 104

1.3.2 Violência Contra o Professor

Os professores também estão no papel de vítima da violência na escola. Alguns docentes sofrem com a violência verbal, violência simbólica, ameaças e até mesmo com a prática das agressões o que gera um sentimento de impotência. Barreto ressalta que:

Os problemas de indisciplina e violência que penalizam um crescente número de escolas apontam para o fato de que hoje é o próprio professor que tem de se fazer respeitar e de conquistar a sua legitimidade junto aos alunos, condição fundamental para que possa exercer as suas funções pedagógicas. E para tanto ele precisa lançar mão de novas formas de convencimento, o que requer outra concepção de preparo e desempenho profissional.⁴²

Em outras palavras, é importante destacar que a função do professor na escola não é de receber espancamentos, represálias verbais ou físicas por parte dos alunos ou até mesmo por parte de pais, mas sim contribuir pedagogicamente para uma educação de qualidade. Souza reitera esse pensamento colocando que:

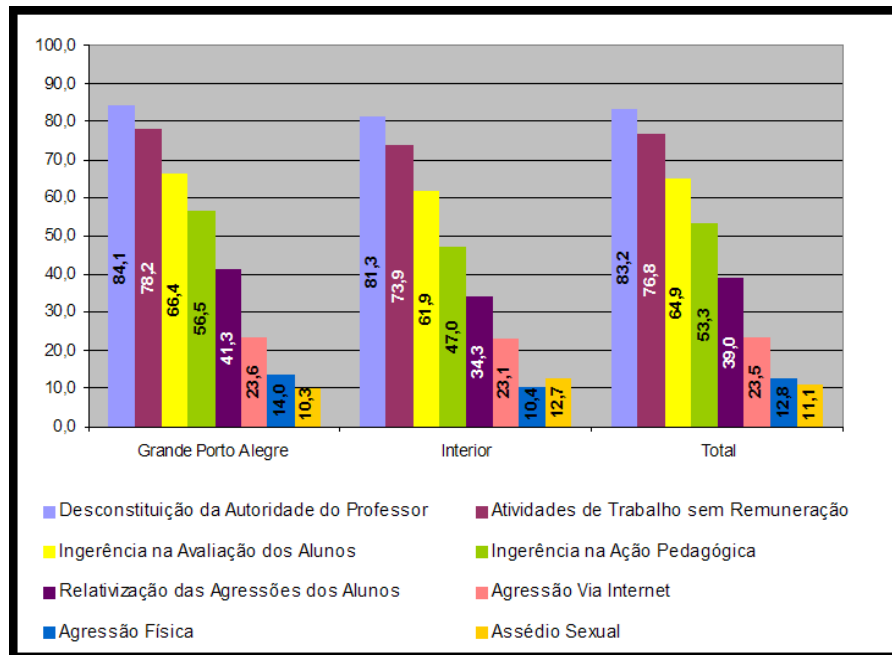
Uma das causas palpáveis da má qualidade da educação, dentre outras sérias e complexas, durante suas atividades pedagógicas, pode ser atribuída à violência sofrida pelos professores, a falta de controle da indisciplina e a impotência diante das situações diárias, em que seus alunos são vítimas de maus-tratos nas famílias, principalmente.⁴³

Baseado nessas assertivas, o Sindicato dos Professores (SINPRO)⁴⁴ no estado do Rio Grande do Sul realizou uma pesquisa com os docentes associados para verificar a opinião dos professores sobre a problemática da violência no trabalho escolar. Abaixo segue os resultados em forma de gráficos:

⁴² BARRETO, 2010, p. 440.

⁴³ SOUZA, Jadir Cirqueira de. *Refém da Violência Escola: Como Reagir?*. Texto apresentado às escolas estaduais e municipais de Uberlândia-MG, como proposta de trabalho do Ministério Público do Estado de Minas Gerais para o combate à violência e à indisciplina escolar, além da proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes. Uberlândia, 2007. p. 10.

⁴⁴ SINPRO. *Violência Contra os Professores*. Disponível em: www.sinprors.org.br/cepep. Acesso em 07 jun. 2014.



Foi observado que as principais queixas dos professores em relação à violência são: a desconstituição da autoridade do professor, ingerência na avaliação dos alunos, constrangimentos por parte dos discentes. De acordo com Royer,

Há oito elementos que devem fazer parte da formação de professores para que se sintam capacitados a lidar com os conflitos e pensar estratégias de ação para a prevenção da violência na escola. Entre esses elementos estão: a) a necessidade de mostrar aos professores que a violência não é algo “natural”, mas que é uma questão que precisa ser pensada a partir do contexto em que está inserida; b) que a escola pode realmente contribuir para evitar a violência. Considerando que a escola prepara os alunos para a vida social, ela pode ser a segunda oportunidade, ou até mesmo a última, de desenvolvimento das capacidades necessárias para desenvolverem habilidades e terem uma vida profissional e pessoal de sucesso; c) os professores devem estar atentos à necessidade de agirem de forma ativa e não reativa aos problemas que ocorrem na escola, o que deve ser pensado em um contexto de prevenção e de intervenção precoce da violência; d) respeitar o contexto em que a escola está inserida, pensando um modelo de intervenção que atenda à situação particular de uma escola ou de um aluno, considerando que o problema da violência é complexo e não, necessariamente, homogêneo; e) a necessidade de constante atualização das informações passadas aos professores a respeito da violência escolar; f) a política de formação dos professores deve ser guiada a partir dos resultados de pesquisas confiáveis sobre o tema da violência; g) os pais de alunos devem estar envolvidos nos projetos realizados pela escola, pois as intervenções realizadas em sala de aula não são suficientes para apresentarem resultados positivos, devem também levar em conta o ambiente em que vivem os alunos; h) pelo mesmo motivo apontado anteriormente, deve ser estabelecida uma parceria com a comunidade da qual a escola faz parte e dos serviços oferecidos por ela.⁴⁵

⁴⁵ ROYER, Égide. *A Violência Escolar e as Políticas da Formação de Professores*. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). *Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. Brasília: UNESCO, 2002. p. 251-266.

Por meio disso, o professor deve prevalecer à visão mais humanística, transformando o ambiente mais afetivo, onde a relação professor-aluno seja a base para o desenvolvimento cognitivo e psíquico.

2 A VIOLÊNCIA E O CONVÍVIO DO EDUCANDO NA ESCOLA

Para analisar questões que envolvem a violência escolar, recorre-se à leitura de textos e a prática social e pedagógica no âmbito da educação, onde, diante de diversos conflitos e problemas vividos pela escola e imbuídos de um verdadeiro desejo de mudança no fracasso de transformação que ora é vivenciado, espera-se contribuir para a construção de uma escola competente.

Esses valores autoritários que são apreendidos e incorporados permanecem no cotidiano da escola. A sociedade brasileira vem transformando-se, buscando rompê-los, mas ainda caminha a passos lentos. Segundo Paro⁴⁶, “a escola é um espaço constituído por diversas dimensões, todas entrelaçadas – pedagógica, política, social, cultural, administrativa e humana”. Convém detalhar essas dimensões para melhor entendimento do contexto:

- a) Por dimensão pedagógica, entende-se que o processo de ensino – aprendizagem, com todas as variáveis que o constitui, como a organização dos conhecimentos, do espaço e do tempo escolar, a relação professor – aluno, a metodologia de ensino.
- b) Por dimensão administrativa considera-se a questão de infraestrutura e de pessoal, como os problemas hidráulicos e elétricos, merenda, quadro pessoal, dentre outros.
- c) No campo político, situam-se as relações de poder e o processo decisório.
- d) No social, a relação com a comunidade escolar em um sentido bem mais amplo: a relação interna entre professores, alunos e funcionários e a relação interna estabelecida com os pais e moradores próximos à escola, Secretaria de Educação e a sociedade em geral. Também estão incluídas as experiências sociais de todos os segmentos, ou seja, suas origens de classe, suas condições de moradia, trabalho e lazer.
- e) No campo cultural estão às raízes e vivências que promovem a elevação do homem conferindo-lhe uma identidade social e cultural, como suas tradições religiosas, políticas, expressões artísticas, hábitos alimentares.
- f) Na dimensão humana, os sentimentos, desejos, dificuldades pessoais, os conceitos e preconceitos que povoam o íntimo de cada um de nós.

O processo de ensino, por exemplo, se dá a partir da realidade cultural e social dos alunos e professores, bem como de suas condições humanas e de trabalho. Mas, a maioria das escolas comete a violência de não perceberem as injustiças causadas em suas etapas de trabalho, quando prevalecem somente as dimensões políticas pedagógicas, não considerando as dimensões sócias – culturais e humanas.

⁴⁶ PARO, Vitor Henrique. *Gestão Escolar: O Diretor deve ouvir quem está na escola*. Revista Nova Escola, ano IV, nº 18, Fevereiro/Março, 2012.

Percebe-se isso em determinadas escolas que são administradas por pessoas que não se identificam com atividades educacionais e são indicadas por interesses políticos. Essas pessoas tendem a distorcer a função da escola e vitimam aqueles que deveriam ser inteiramente favorecidos por ela. Conseqüentemente, irá promover a cidadania e diminuir a violência. Sobre essa situação, Gonçalves e Tosta analisa:

A violência como fenômeno social não nos é estranha, porquanto seja histórica. O que tem nos surpreendido é a reprodução dessa violência no interior da escola, de forma explícita e terrivelmente ameaçadora, pondo em risco a integridade física e psicológica de todos os que nela estão e colocando em xeque as finalidades que justificam sua existência.⁴⁷

No ensino público, as dificuldades relativas ao próprio rendimento dos alunos, à violência contra os professores (que vem crescendo de forma inegável) e a desmotivação são algumas das problemáticas recorrentes. Gonçalves e Tosta adverte:

A escola contemporânea, contrariando sua função histórica de socialização dos indivíduos, está se colocando, cada vez mais isolada da comunidade que a cerca, pela adoção de várias medidas de proteção tomadas para conter a violência, a exemplo dos policiamentos, das cercas eletrificadas, muros altos, e que têm se mostrado ineficazes.⁴⁸

Tem lugar de destaque na formação, de um lado, de profissionais e, de outro lado, de pessoas que vão atuar e conviver com essas áreas. Assim sendo, a educação precisa buscar a compreensão e interpretação do contexto onde ela se desenvolve para situar o educando no mundo que obriga através do significado que ele lhe confere.

A escola deve estar sempre de portas abertas, permitir que as problemáticas sociais surjam e seja discutido, assumir seu papel de instituição integrante da história, transformando e sendo transformada. Tem que ser uma escola concreta presente e viva, comprometida com os direitos daqueles que fazem parte dela e com a luta pela ampliação do direito à escola para todos. O Estado é responsável por criar condições materiais para que a escola enfrente esse desafio, assim como interferir nas relações de trabalho. Gonçalves e Tosta afirmam:

O grande vilão da violência escolar é o mesmo vilão da violência da sociedade, ou seja, a exclusão social que forma um batalhão de pessoas cada vez menos favorecidas e que necessitam viver como outro ser humano qualquer, mesmo porque está sob o comando pulsional da preservação da vida.⁴⁹

⁴⁷ GONÇALVES; TOSTA, 2008, p. 155

⁴⁸ GONÇALVES; TOSTA, 2008, p. 155

⁴⁹ GONÇALVES; TOSTA, 2008, p. 187

Sempre é mencionado de uma escola concreta, histórica, inserida profundamente nos movimentos mais amplos da sociedade, respondendo aos desafios diários e agindo sobre eles. Não existe a escola isolada, alienada. Fala-se de escolas múltiplas. Algumas servem a setores da elite e outras a setores populares. E há aqueles que servem a todos.

2.1 FENÔMENO BULLYING: comportamento agressivo entre estudantes

O comportamento agressivo entre estudantes é um problema universal, tradicionalmente admitido como natural, muitas vezes ignorado ou não valorizado pelos adultos. Segundo Lopes Neto⁵⁰, estudos realizados nas duas últimas décadas demonstraram que a sua prática pode ter consequências negativas imediatas e tardias para todos os alunos direta ou indiretamente envolvidos.

Com base nos estudos de Winnicott⁵¹, a agressividade representa um instinto próprio inerente a todo ser humano, portanto, necessária a sua existência. A agressividade é algo adquirido pelo homem ainda bebê, nos primeiros meses de vida, no contato com o meio em que vive, e é uma tendência especificamente humana marcada pela vontade de cometer um ato violento sobre o outro. De acordo com Laplanche e Pontalis “pode ser definida como um conjunto de tendências que se transformam em condutas reais ou fantasmáticas, as quais visam causar dano ao outro, destruí-lo, coagi-lo, humilhá-lo, etc.”⁵²

O termo agressão possui diferentes conotações, sendo conveniente conceber a violência e a agressão como processos comportamentais que não podem ser analisados isoladamente das questões culturais, sociais, etc. Com algumas exceções, a tendência à agressão e à violência podem ser vistas como traços de personalidade e atitudes aprendidas no ambiente. A agressão pode ser considerada a partir do agente agressor, depois do agente agredido e de um observador. Provavelmente encontrar-se-á três representações do mesmo evento, como acontece nos casos de Bullying.

Em muitos casos as constantes manifestações de agressividade com a qual a criança convive (família, televisão) podem contribuir para a reprodução desses comportamentos e atitudes. Sendo a violência um problema que atinge atualmente o mundo todo, a violência juvenil é cada vez mais praticada com pessoas em idades de 10 a 21 anos. Essa violência pode

⁵⁰ LOPES NETO, Aramis Antonio. *Bullying: Saber Identificar e Como Prevenir*. São Paulo: Brasilense, 2011. p. 31.

⁵¹ WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 29.

⁵² LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 47.

ser associada com os locais onde ela ocorre. Nesse sentido, a escola aparece como um espaço onde o comportamento agressivo é manifestado constantemente pelos alunos.

O termo “violência escolar”, de acordo com Lopes Neto “são todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos.”⁵³ Esse tipo de comportamento causa cada vez mais preocupação e temor, pois o modelo do mundo exterior, muitas vezes, é reproduzido no espaço escolar e onde deveria ser um ambiente seguro de aprendizagem acaba por se tornar um local de insegurança, violência, sofrimento e medo.

2.1.1 O que é Bullying?

Por ser este tema ainda pouco discutido – no Brasil as pesquisas iniciaram-se em meados da década de 90 – o termo Bullying ainda é desconhecido até mesmo para pessoas que trabalham na área educacional. Esta palavra inglesa é usada para teorizar um fenômeno percebido entre grupos de crianças e adolescentes assim:

Definimos por agressividade/bullying o que a literatura refere por comportamentos agressivos de intimidação e que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular e frequente.

Na literatura científica internacional, o fenômeno é identificado por “bullying”. Na Noruega e Dinamarca, assim como na Suécia e Finlândia, o bullying ou bully/victim era identificado inicialmente como “mobbing”. Na Itália foi utilizado o termo “prepotência” e na Espanha “intimidación”, “maltrato” e “violência”. Mas a designação do fenômeno na língua portuguesa carece de um conceito que identifique simultaneamente os atributos de personalidade dos sujeitos que associamos aos incidentes agressivos e as características que os comportamentos desses mesmos sujeitos assumem. Outros termos utilizados são: agredir, vitimar, violentar, maltratar, humilhar, intimidar, assédio sexual ou abuso e, entre as crianças, o “fazer o mal”, “meter-se com”, “chatear”, “pegar no meu pé”. Assim adotamos o termo “bullying” associado ao termo agressividade, por não conseguirmos uma tradução fiel, cujo sentido seja a agressão deliberada entre iguais.⁵⁴

Autores brasileiros que estudam este fenômeno como Pereira⁵⁵ e Fante⁵⁶ utilizam o termo Bullying, por ainda não terem conseguido encontrar uma palavra que consiga expressar esse significado em português. O Bullying é um termo de origem inglesa que descreve atos de

⁵³ LOPES NETO, 2011, p. 15

⁵⁴ PEREIRA, Sônia Maria de Souza. *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 16.

⁵⁵ PEREIRA, 2009, p. 31.

⁵⁶ FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 6. ed. rev. ampl. Campinas: Verus Editora, 2011. p. 38.

violência física ou psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully) ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz de se defender. Também adota aspecto de adjetivo, referindo-se a termos como valentão, tirano. É um tipo de exclusão velada, capaz de oprimir e machucar aos poucos, sem nunca ser declarada de fato.

É importante destacar que o Bullying acontece entre iguais, ou seja, por estudantes que compartilham o mesmo espaço, seja a escola, a sala de aula ou o local de recreio e que sempre tem idades aproximadas. Um estudo feito pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) em 2002, com estudantes entre 14 e 19 anos de idade de cinco capitais brasileiras (Brasília, Fortaleza, Rio de Janeiro, Curitiba e São Paulo) apontou que 60% deles disseram ter sido vítimas de algum tipo de violência (física ou moral) dentro da escola.⁵⁷

Parafraseando Pereira⁵⁸ o Bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outros tipos de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos.

Assim, o Bullying é um fenômeno maléfico, por diversas vezes confundido com indisciplina ou com brincadeira, mas que na verdade traz sérias consequências para todos os envolvidos. Os bullies (aqueles que praticam a agressão seja moral ou física) usam uma combinação de intimidação e humilhação para atormentar os outros. Abaixo seguem-se uma relação de alguns exemplos das técnicas de Bullying:

- 1) Insultos à vítima;
- 2) Ataques físicos repetidos contra uma mesma pessoa sejam contra o corpo da mesma ou propriedades;
- 3) Quebrar pertences, roubar material escolar, roupas, danificar;
- 4) Espalhar fofocas sobre a vítima;
- 5) Fazer com que a vítima faça o que ela não quer, através de sucessivas ameaças;
- 6) Fazer comentários depreciativos sobre familiares da vítima (normalmente a mãe), sobre a aparência pessoal, orientação sexual, religião, raça, nível social ou nacionalidade;

⁵⁷ ABRAMOVAY, 2003, p. 100.

⁵⁸ PEREIRA, 2009, p. 31.

7) Usar as tecnologias de informação para praticar o cyberbullying (consiste na utilização das tecnologias de informação e comunicação com o objetivo de maltratar, provocar, intimidar, oprimir, atormentar);

8) Usar de sarcasmo evidente para se passar por amigo.

Esses são alguns dos casos mais frequentes do bullying em ambientes escolares, outras ações também são caracterizadas como bullying: encarnar, humilhar, excluir, empurrar, assediar, dominar, perseguir, chutar, sofrer, ignorar, tiranizar, ofender, dentre outras não citadas. O bullying pode existir em diferentes lugares, em diversas instituições ou estabelecimentos como academias e clubes, se manifestando de formas variadas conforme o tempo e espaço e das pessoas que estão envolvidas, mas é na escola que ele tem maior destaque.

2.1.2 Histórico do Fenômeno

Em 1906 o romance escrito por Robert Mussil, sobre os anos de puberdade passados em um colégio interno da Áustria mostrava o jovem Torless, que era atacado diariamente pelos colegas, forçado a ficar despido enquanto seus torturadores o faziam gritar “eu sou uma besta”. Esse tipo de situação pode parecer antiga e ultrapassada, mas não é. Ainda hoje a violência de um grupo contra um indivíduo, acobertada pelos colegas e mantida a distância pelos professores, ainda acontece nas escolas. Mesmo sendo um fenômeno que acontece de longa data mantém ainda hoje um caráter oculto, pelo fato de que poucas vítimas têm coragem suficiente para uma possível denúncia. Isso contribui com o desconhecimento e a indiferença sobre o assunto por parte dos profissionais ligados à educação.⁵⁹

Segundo Fante,⁶⁰ o bullying é um fenômeno mundial, tão antigo quanto à escola, porém poucos esforços foram despendidos para um estudo mais aprofundado até a década de 1970, quando surgiu primeiramente na Suécia, um grande interesse por parte da sociedade pelos problemas desencadeados entre agressor e vítima, sujeitos desse fenômeno, e logo outros países escandinavos iniciaram algumas pesquisas.

Na Noruega, o fenômeno bullying, por longos anos foi motivo de preocupação nos meios de comunicação e entre professores e pais, mas poucas autoridades educacionais se manifestam a respeito. Somente quando, em 1982, um jornal noticiou o suicídio de três crianças no norte norueguês, com idade entre dez e quatorze anos, ato que foi

⁵⁹ SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: Mentos Perigosos nas Escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 55.

⁶⁰ FANTE, 2011, p. 57.

comprovadamente confirmado pela situação de maus tratos a que eram submetidas pelos colegas de escola – então Ministério da Educação da Noruega, em 1983 fez uma campanha nacional contra os problemas de agressão nas instituições de ensino.⁶¹

O primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, que ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes descobriu que muitos jovens tinham sofrido algum tipo de ameaça, e que, portanto, bullying era um mal a combater.⁶²

Dan Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84 mil estudantes, 400 professores em média e 1000 pais, em vários níveis de ensino analisando a natureza e ocorrência do fenômeno. Como resultado da pesquisa constatou que a cada sete alunos, um estava de alguma forma envolvido em bullying. Após a campanha nacional realizada com o apoio do governo os casos de bullying foram produzidos em 50%, o que incentivou outros países como o Reino Unido, Canadá e Portugal, a também promoverem campanhas de intervenção.⁶³

O programa da intervenção proposto por Olweus tinha como objetivo desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançando um desenvolvimento ativo por parte dos professores e dos pais, aumentando a conscientização do problema e eliminar os mitos sobre o bullying provendo apoio e proteção para as vítimas. Olweus concluiu que as crianças podem ser muito hábeis em usar sistematicamente o poder social contra os colegas de escola mais fracos. O objetivo é fortalecer sua própria posição. Um estudo de 2001 elaborado pela fundação Família Kaiser e Nickelodeon revelou que 74% das crianças entre 8 e 11 anos reportaram a existência de bullying em suas escolas; 86% das crianças entre 12 e 15 anos também observaram a existência de bullying.⁶⁴

De acordo com o Centro Nacional de Estatísticas de Educação nos Estados Unidos, em 2003 cerca de 7% dos estudantes americanos com idade entre 12 e 18 anos notificaram ter sido alvo de bullying nos seis meses precedentes. A probabilidade de bullying foi maior entre as crianças com menos idade: 14% dos estudantes do 6º ano (equivalente a 5ª série do ensino fundamental no Brasil), 7% dos estudantes do 9º ano (8ª série do ensino fundamental) e 2% dos alunos do 12º ano (3º ano do ensino médio) disseram ter sido importunados.⁶⁵

Pesquisas publicadas no jornal espanhol “El País”, um a cada quatro estudantes britânicos, do ensino primário, disse ter sofrido maus tratos por parte dos colegas no seu

⁶¹ MELO, Josevaldo Araújo. *Bullying na Escola: como identificá-lo, como preveni-lo; como combatê-lo*. Recife: EDUPE, 2010. p. 25.

⁶² MELO, 2010, p. 25.

⁶³ MELO, 2010, p. 25.

⁶⁴ MELO, 2010, p. 25.

⁶⁵ MELO, 2010, p. 26.

ambiente escolar. Ainda segundo o jornal, em 1977, os maus tratos físicos e psíquicos foram citados como a principal causa de suicídios de 766 menores.⁶⁶

Baseando-se em dados estatísticos em diferentes países, pode-se seguramente afirmar que este fenômeno está presente, infelizmente, em todas as escolas do mundo⁶⁷. No Brasil, os estudos são poucos e recentes. O Brasil está pelo menos 15 anos de atraso na discussão desse problema em relação aos países europeus, por exemplo. Existem alguns pesquisadores que, tendo como base as pesquisas realizadas na Europa, fizeram alguns trabalhos sobre o fenômeno aqui no Brasil.

Entre eles pode ser destacado: professora Marta Canfield (1977) que desenvolveu sua pesquisa em 04 escolas do ensino público em Santa Maria (RS), os professores Israel Figueira e Carlos Neto (2000 - 2001), em 02 escolas municipais no Rio de Janeiro (RJ), e a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) em 2003, que pesquisou 14 escolas municipais do Rio de Janeiro com o patrocínio da PETROBRAS.⁶⁸

Este último estudo resultou em dados alarmantes: 40,5% dos 5.875 alunos de 5ª a 8ª séries das referidas escolas admitiram estar envolvidos em bullying, o que leva o Brasil a ter este problema em níveis superiores aos apresentados nos países europeus. Fante⁶⁹ cita a pesquisa que realizou entre 2000 a 2004, sobre esta problemática no interior paulista (São José do Rio Preto, Barretos, entre outras) e se estendeu até o Distrito Federal. Esta educadora mostra em seu livro “Fenômeno Bullying” a sua perplexidade diante da proliferação do bullying em escolas brasileiras.

2.2 BULLYING ESCOLAR: os agressores, as testemunhas e as vítimas do bullying

Conforme visto anteriormente, regra geral, a prática do *Bullying* conta com 03 atores: os agressores, as testemunhas e as vítimas. Considerando as especificidades de suas condutas (ativas ou omissivas), faz-se importante um olhar individualizado de cada ator. O *Bullying* escolar não privilegia o gênero. Atua nos dois com a mesma desenvoltura, respeitando a especificidade de cada um. O masculino prioriza o uso da força, da supremacia física e da intimidação. O feminino utiliza-se da agressão psicológica através da humilhação e exclusão, podendo ser tão ou mais cruel e perverso.⁷⁰

⁶⁶ MELO, 2010, p. 26

⁶⁷ FANTE, 2011, p. 55

⁶⁸ MELO, 2010, p. 26

⁶⁹ FANTE, 2011, p. 89

⁷⁰ MELO, 2010, p. 31

2.2.1 Os Agressores/Bullies

Sobre os praticantes da agressão demanda discorrer sobre o tema da violência.

O que é violência? Todos aqueles que são atingidos pela violência transformam-se em vítimas. Pois são prejudicados de alguma forma pelo uso da força ou privados de algum bem, seja ele a vida, a integridade do corpo ou do espírito, a dignidade, a liberdade de movimento ou os bens materiais. Por isso constitui violência a prática de matar, ferir, roubar, humilhar, explorar o trabalho alheio. Existe violência quando alguém voluntariamente faz uso da força para obrigar uma pessoa ou um grupo a agir de forma contrária à sua vontade, quando priva alguém de um bem.⁷¹

O bullying, portanto, é violência dentro da escola, apenas uma das formas de violência existente nesse ambiente, uma ação voluntária de quem a pratica. Porém, o bullying tem características próprias comparadas a outras práticas de violência: tem continuidade no tempo, não acontece de forma esporádica e as vítimas são marcadas, violentadas e vigiadas pelos agressores continuamente, ao contrário de outros atos violentos cometidos, que através do tempo deixaram de acontecer.

A execução de escravos fugitivos no mundo antigo, os sodomitas queimados na Idade Média, o esfolamento dos soldados astecas desobedientes ou o enforcamento, estripamento e o esquartejamento de traidores ingleses são exemplos típicos. A isso se somam alguns dos maiores atos de execução em massa, que às vezes quase chegaram ao genocídio: judeus e protestantes mortos na fogueira pela Inquisição; extermínio dos hereges albigenses de Languedoc, bruxas queimadas vivas na Europa do século XVII, crucificação em massa de escravos após a rebelião de Espártacos contra os romanos, crucificação de cristãos no Japão do século XVII, matança de judeus na Alemanha medieval e moderna, desapropriação em massa e praticamente assassínio de milhões de camponeses gulags na Rússia stalinista – todos ilustram a natureza comum da crueldade humana.⁷²

A citação acima demonstra que é evidente que determinados seres humanos já cometeram atos terríveis contra seu próximo desde muito tempo atrás. Ditadores, imperadores, tiranos, foram os principais sujeitos de atos bárbaros que deixaram marcas permanentes no passado, porém, atitudes semelhantemente cruéis também acontecem na esfera micro, nas relações cotidianas e diárias de escolas no mundo todo. É a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que vítima é sujeita o que diferencia o bullying

⁷¹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998. p. 186.

⁷² THOMSON, Oliver. *A Assustadora História da Maldade*. São Paulo: Ediouro, 2002. p. 42.

de outras situações ou comportamentos agressivos, sendo três os fatores fundamentais que normalmente o identificam:

1. O mal causado a outrem não resultou de uma provocação, pelo menos por ações que possam ser identificadas como provocações.
2. As intimidações e a vitimização de outros tem caráter regular, não acontecendo apenas ocasionalmente.
3. Geralmente os agressores são mais fortes (fisicamente), recorrem ao uso de arma branca, ou tem um perfil violento e ameaçador. As vítimas frequentemente não estão em posição de se defenderem ou de procurar auxílio.⁷³

Os/As agressores/as, segundo a literatura, geralmente são aqueles que apenas praticam o bullying e podem ser de ambos os sexos. Tem um comportamento provocador, tendo sempre soluções agressivas para se resolver qualquer conflito. Tem caráter violento e perverso com poder de liderança, obtido por meio da força e agressividade. Suas atitudes são autoritárias e violentas, não tem empatias pelo próximo, apresentando sempre um comportamento explosivo. Considera-se mais forte ao intimidar e humilhar outros, mas muitas vezes, sua agressão se manifesta por ser inseguro.

O autor de bullying é identificado como alguém que ataque repetitivamente outro indivíduo que não seja capaz de reagir. Esse personagem já pode ser identificado desde a educação infantil, a partir dos 03 anos de idade, por suas características negativas. Os estudantes do sexo masculino praticam mais bullying do que as do sexo feminino, e podem apresentar dificuldades relacionadas à socialização.⁷⁴

Pesquisas indicam que os agressores têm personalidades autoritárias, combinadas com uma forte necessidade de controlar ou dominar⁷⁵. Quando questionados sobre seus atos podem sugerir que foi apenas uma brincadeira inocente ou colocar-se também no papel de vítima. Não existe uma idade para ser agressor ou vítima de bullying, pois esse tipo de comportamento já foi verificado até mesmo em crianças:

[...] mesmo com pouca idade, eles são capazes de organizar um cerco a certas crianças: os chamados bullies parecem estar sempre observando para escolher novas vítimas. E encontram dificuldades em abandonar seus papéis com o passar do tempo; intimidadores tendem a continuar ao longo de muitos meses e até mesmo anos.⁷⁶

⁷³ PEREIRA, 2009, p. 18.

⁷⁴ LOPES NETO, 2011, p. 47

⁷⁵ LOPES NETO, 2011, p. 47

⁷⁶ LOPES NETO, 2007, p. 45.

O autor do bullying é tipicamente popular, envolve-se em diversos tipos de comportamentos antissociais, tem sempre opinião positiva sobre si mesmo. A maioria desses agressores mantém um grupo em torno de si, que atuam como auxiliar nos seus ataques, e chegam até a transferir as agressões para os outros participantes do “bando”, mas também podem chegar a agirem sozinhos.

Segundo Lopes Neto os/as autores/as típicos/as possuem como características:

- 1) São muito populares;
- 2) Sentem-se confiantes e seguros;
- 3) Assumem atitudes agressivas também contra os adultos (pais/professores);
- 4) Demonstram opinião e atitudes negativas sobre os outros;
- 5) São geralmente mais fortes que os demais e mais que seus alvos;
- 6) Podem apresentar sentimentos negativos sobre si mesmos;
- 7) Estão insatisfeitos com a escola;
- 8) Possuem satisfação em causar danos e sofrimentos a outros;
- 9) Têm necessidade imperiosa de dominar os colegas;
- 10) Aprendem a usar o poder com a intenção de agredir e controlar os outros;
- 11) Sofrem influências negativas de seus pares;
- 12) Têm dificuldades em solucionar problemas de relacionamento;
- 13) Pode existir um “comportamento benéfico” em sua conduta (domínio, prestígio, furto, pedágio etc.).⁷⁷

Por vezes apresenta aversão a normas; não aceita ser contrariado. Seu desempenho escolar é, em alguns casos, deficitário, mas isso não configura uma dificuldade na aprendizagem, já que muitos podem apresentar até rendimento normal ou acima da média. O agressor utiliza a sua conduta agressiva para resolver seus problemas. Acha que todos devem atender seus desejos de imediato. Considera-se mais forte. Mas é também inseguro e deslocado.

É frequentemente sugerido que alguns desses comportamentos têm sua origem ainda na infância. Se o comportamento agressivo não é desafiado na infância, há o risco de que ele se torne habitual. Realmente, a prática do bullying durante a infância põe a criança em risco de comportamentos criminosos e violência doméstica na idade adulta.

Os agressores tornam-se criminosos, levando para a vida adulta o mesmo comportamento antissocial apresentado na infância para os ambientes sociais, ou até mesmo a praticar a violência doméstica ao constituir família. Frequentemente esses alunos agressivos vêm de lares desestruturados, com pouco relacionamento afetivo com os pais, o que vai causar um grande trauma que perdurará por toda a vida.

⁷⁷ LOPES NETO, 2011, p. 47.

2.2.2 Vítimas

Lopes Neto afirma: “Os alvos de bullying são os que sofrem agressões repetitivas de outros estudantes ou de um grupo deles. Eles ocupam esse espaço por períodos variáveis, justificados por situações circunstanciais ou por características físicas, comportamentais ou sociais”.⁷⁸

Mediante esse conceito, a vítima pode ser classificada, segundo Silva⁷⁹, em três tipos:

1) Vítima Típica: os alvos de bullying são aqueles que sofrem os ataques, normalmente esses alunos são aqueles mais frágeis, que não tem como se defender ou não conseguem, sofrem de baixa-estima a ponto de acharem que merecem os ataques, alguns apresentam quadro de depressão e em menor número chegam ao suicídio. São os indivíduos frágeis, transformados em objeto de diversão e prazer por meio de “brincadeiras” maldosas, são geralmente pouco sociáveis. Dotados de um forte sentimento de insegurança, são pessoas sem esperança de se adequarem ao grupo. Tem poucos amigos, postura passiva, são quietos. Muitos passam a apresentar baixo rendimento escolar, resistem ou recusam-se a ir à escola. Trocam de colégio com frequência, ou mesmo abandonam os estudos. Há casos de extrema depressão que resultam na tentativa ou ainda no suicídio. Sobre esse tipo de vítima, Lopes Neto assegura:

A situação pode ser agravar por não disporem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar o bullying. Muitas vezes se tornam pouco sociáveis, sentem-se inseguros e desesperançados quanto à possibilidade de se adaptarem ao grupo. Acham tendo poucos amigos ou perdendo as amizades que conquistaram. Dificilmente participam de brincadeiras coletivas, por medo da rejeição ou por optarem pelo isolamento. Sentem-se infelizes, sofrem com o medo, a vergonha, a depressão e a ansiedade. Muitos acreditam que sejam merecedores dos maus – tratos sofridos.⁸⁰

Alguns alunos vítimas de bullying possuem coordenação motora deficiente, ansiedade, extrema sensibilidade, timidez, e sente dificuldade de impor-se ao grupo, tanto física quanto verbalmente. Muitas crianças ou adolescentes vítimas de bullying desenvolvem pânico, ficando com medo de ir à escola e para evitar isso inventam doenças e desculpas para os pais, pois não tem coragem de contar o real motivo, que é a violência psicológica e/ou física que vêm sofrendo na instituição de ensino que frequentam. O sentimento de insegurança por parte dos alvos de bullying é, muitas vezes, agravado pela indiferença dos adultos sobre seu

⁷⁸ LOPES NETO, 2011, p. 43.

⁷⁹ SILVA, 2010, p. 37.

⁸⁰ LOPES NETO, 2011, p. 43.

sofrimento. A maioria tem poucos amigos e não reagem de forma alguma aos atos agressivos que sofrem. Lopes Neto afirma que:

Algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-lo mais vulnerável às ações dos autores e dificultar a sua aceitação pelo grupo. A rejeição às diferenças é um fato descrito como de grande importância na ocorrência do bullying. [...] Embora não haja estudos precisos sobre métodos educativos familiares que incitem ao desenvolvimento de alvos de bullying, alguns são indicados como facilitadores: proteção excessiva, tratamento infantilizado, ataques emocionais por parte dos membros da família e de outros.⁸¹

De acordo com o autor acima citado os alunos alvos de bullying, em alguns casos, são aqueles que em seus lares são superprotegidos, ou fazem o papel do “bode expiatório” da família, sofrendo sucessivas críticas pelos parentes, e até sendo responsabilizado pelas frustrações dos pais.

2) Vítima Provocadora: Refere-se aquele que atrai, provoca reações agressivas contra as quais não consegue lidar. Tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas não obtém bons resultados. Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. É de modo geral tola, imatura, de costumes irritantes e quase sempre responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra. Os colegas normalmente “agridem” esse tipo através da exclusão do grupo.

Silva⁸² ao caracterizar as vítimas do bullying incluiu este tipo específico, a “vítima provocadora”, sendo que os ataques para serem vistos como bullying precisam além de ser repetitivos (pelo menos três vezes ao ano), não devem ter um motivo aparente. Portanto, a chamada vítima provocadora, é na verdade uma mescla da vítima agressora com características da vítima típica, pois ao mesmo tempo em que pratica ela sofre o bullying.

3) Vítima Agressora: Estes são aqueles alunos que ora sofrem, ora praticam o bullying, reproduzindo os atos de violência que recebem contra si mesmos. Como forma de compensação procuram outra vítima mais frágil que si próprio e cometem contra esta todas as agressões sofridas na escola, ou em casa, transformando o bullying em um ciclo vicioso.

A combinação de baixa-estima e atitudes agressivas é indicativa de uma criança ou adolescente que tem, como razão para a prática de bullying, prováveis alterações psicológicas, devendo merecer atenção especial. Podem ser depressivos e inoportunos, humilhando os colegas para encobrir suas limitações. Sintomas

⁸¹ LOPES NETO, 2011, p. 35.

⁸² SILVA, 2010, p. 40.

depressivos, pensamentos suicidas e distúrbios psiquiátricos são mais frequentes nesse grupo.⁸³

Segundo Lopes Neto⁸⁴ os alunos que ora são alvos, ora são autores das práticas de bullying, diferenciam-se dos alvos típicos já citados anteriormente, pois eles não são apenas as vítimas, mas também passam a atacar, a agredir moralmente e fisicamente outros na intenção de mostrar “poder”. A vítima agressora apresenta uma grande probabilidade de desenvolver doença mental, e são considerados de maior risco. Normalmente tem ações de hiperatividade, déficit de atenção, dificuldade de aprendizado etc. Fazendo uma análise geral sobre as vítimas do bullying, a vítima típica normalmente é a que mais sofre com as agressões, pois esta passa a ser agredida física, moral e verbalmente, é excluída do grupo e cria-se em torno dela o estigma de que deve viver só no ambiente escolar.

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mal sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisava que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos⁸⁵.

Goffman⁸⁶ diz que os gregos faziam marcas em pessoas que deviam ser evitadas pelas outras, recusadas em um determinado meio social. Nas relações dentro da escola o mesmo acontece com pessoas que sofrem o bullying, não mais com marcas a ferro, mas são estigmas silenciosos, de forma velada, discreta, por um grupo, onde a vítima sofre sem ser notada pelas autoridades como professores e pais. São graves as consequências na vida das vítimas de bullying, como perda da autoestima e sentimentos vingativos. Algumas dessas consequências são explicadas por diversos autores:

[...] as crianças vítimas de bullying tendem a ter uma fraca autoestima, manifestada em várias medidas. (BOULTON & SMITH, 1994, p. 15). Sharp e Thompson (1992) investigaram recentemente como é que as crianças respondiam e paravam os comportamentos agressivos. Com uma amostra de 723 alunos das escolas secundárias, das quais 40% foram vítimas naquele ano letivo, verificou-se que 20% dos alunos referiram que se tornaram mais negligentes ao tentarem escapar de serem vítimas; 29% disseram que era difícil concentrarem-se no trabalho escolar; 22% sentiram-se doentes e indispostos depois de serem agredidos e 20% experienciaram dificuldades em adormecer durante o sono com resultado de bullying.

⁸³ LOPES NETO, 2011, p. 56.

⁸⁴ LOPES NETO, 2011, p. 57.

⁸⁵ GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 11.

⁸⁶ GOFFMAN, 1993, p. 12.

As vítimas experienciaram com mais frequência pouca aceitação, rejeição ativa e são menos escolhidas como melhores amigos e apresentam fracas competências sociais tais como cooperação, partilha e ser capaz de ajudar os outros.⁸⁷

O desejo de suicidar-se, como única forma de acabar com o sofrimento que passam vem crescendo de maneira assustadora entre os estudantes, tendo destaque na mídia internacional com frequência, e muitas escolas, buscam com diligência uma solução para este mal crescente.

O que antes ocorria de forma esporádica, após a década de 1990 transformou-se em uma sequência de trágicos assassinatos e suicídios no interior das escolas. Em 1997, na cidade de West Paducah, Kentucky, um adolescente de 14 anos matou a tiros três companheiros de escola, após a oração matinal, deixando mais cinco feridos. Em 1998, em Jonesboro, Arkansas, dois estudantes, de 11 a 13 anos, atiraram contra sua escola, matando quatro meninos e uma professora. Também em 1998, em Springfield, Oregon, um adolescente de 17 anos matou a tiros dois colegas e feriu mais vinte. Em 1999, dois adolescentes, de 17 e 18 anos, provocaram a tragédia de Columbine, em Littleton, Colorado. Com explosivos e armas de fogo, assassinaram doze companheiros, um professor e deixaram dezenas de feridos. Em seguida, suicidaram-se. Ainda em 1999, uma semana após o massacre de Columbine, em Taber, Canadá um adolescente de 14 anos disparou ao seu redor, matando um colega de escola. Outros massacres ainda praticados na década de 1990, na Escócia, Japão e em vários países africanos. Em novembro de 1999, na Alemanha, um estudante de 15 anos matou a tiros o diretor da escola e depois tentou o suicídio. Em fevereiro de 2001, um jovem de 22 anos matou a tiros o chefe de sua empresa; depois dirigiu-se a sua ex-escola, matou o diretor e suicidou-se com explosivos. Na Alemanha em abril de 2002, na cidade de Erfurt, um jovem de 19 anos chacinou 16 pessoas: duas garotas, 13 professores, uma secretária e um policial que atendeu ao chamado de emergência; em seguida, suicidou-se.⁸⁸

Esses foram alguns dos casos mais destacados pela imprensa a nível internacional, porém aqui no Brasil existem graves casos envolvendo o bullying. Um deles aconteceu em Taiúva, interior de São Paulo, quando um jovem de 18 anos, que estudou anos com a mesma turma e sempre teve que enfrentar agressões verbais e gozação por ser gordo, acabou por se vingar de forma terrível e cruel de seus agressores.

Sabedor da principal causa que provocava sua hostilização e o rechaço de seus companheiros, propôs-se a emagrecer. Porém, todos os esforços para perder quase trinta quilos foram em vão. Se não bastasse ser chamado de “gordo”, “mongolóide” e “elefante cor-de-rosa”, ainda adquiriu o apelido de Vinagrão (por ingerir vinagre de maçã todos os dias, pela manhã, para ajudar no emagrecimento). Edimar não podia mais resistir. Feriu e feriu-se para sempre, encerrando de forma trágica uma vida repleta de humilhações e sofrimentos. No dia 27 de janeiro de 2003, o jovem, que havia concluído o ensino médio, entrou na sua ex-escola durante o recreio dos

⁸⁷ PEREIRA, 2009, p. 21.

⁸⁸ FANTE, 2011, p. 21 – 22.

alunos que estavam em recuperação, ferindo uma professora, seis alunos e o zelador.⁸⁹

O temor das agressões levam a vítima a cada vez mais procurar lugares isolados da escola, principalmente na hora do recreio, e isso torna-se uma excelente oportunidade para que os agressores voltem a atacar, sem que os responsáveis, como professores e funcionários vejam suas maldades, como mostra Pereira:

O bullying adquire diversas formas, algumas cruéis do que outras, dependendo de muitos fatores. Os estudos sobre maus-tratos na escola têm visado o maltrato pessoal, a intimidação psicológica e o isolamento social entre pares, crianças e jovens. Trata-se de situações em que um ou vários alunos decidem agredir injustamente outro colega e o submetem, por períodos prolongados, a uma ou várias formas de agressão: a agressão corporal, o extorquir dinheiro ou ameaça. É praticado sobre crianças e jovens mais inseguros, mais fáceis de amedrontar e/ou que tem dificuldade de se defenderem ou pedir ajuda. Para estes alunos, o ir à escola, em particular os recreios, é um drama. No recreio, deixa de existir o controle do professor, ficando mais expostos as investidas dos agressores.

Alguns destes alunos procuram recantos do recreio onde há menos número de crianças, por terem dificuldade de se integrarem ao grupo. Esta atitude, que visa certa defesa pessoal, acaba por ter o efeito oposto, pois ficam mais longe da vigilância de um funcionário. Procurando atenção nos espaços calmos, podem encontrar quem o agrida, sem ninguém a quem recorrer para pedir ajuda. Estas agressões são com frequência mais graves. Os agressores agem à vontade, pois não haverá testemunhos da ocorrência e nenhuma criança ou adulto virá ajudar. O objetivo é amedrontar a vítima para garanti que esta não conte a ninguém.⁹⁰

A vítima de bullying cada vez se fecha mais em seu mundo, ficando nervosa e temerosa com a aceitação do grupo que compõe sua turma, e principalmente com aqueles que são mais “fortes” que ele mesmo.

2.2.3 As Testemunhas

As testemunhas são aqueles alunos que não sofrem e nem praticam bullying, mas estão inseridas em um local onde essa prática é corrente. Muitos são afetados por esse local de tensão, e acabam por se tornar inseguros de que possam ser as próximas vítimas, assim são os alunos que adotam a “lei do silêncio”, omitindo a agressão feita aos seus colegas e, quando, porventura, tentam comentar os fatos dificilmente são ouvidos por alguém. Também nesse grupo estão alguns alunos que não participam dos ataques, mas dão apoio ao agressor. Mendonça⁹¹ diz que “o espectador (ou testemunha) presencia os maus-tratos, se expõe e reage

⁸⁹ FANTE, 2011, p. 40.

⁹⁰ PEREIRA, 2009, p. 08.

⁹¹ PEREIRA, 2009, p. 56

inconscientemente a sua estimaco psicossocial”. Muitas das testemunhas sentem simpatia pelos alvos, condenando o comportamento dos autores, e esperando que algo seja feito pelos professores da maneira efetiva⁹². Porém o que se v frequentemente é que os atos de violência moral quase sempre são praticados quando não há a supervisão de um adulto por perto, o que torna difícil para o controle adequado. Em alguns casos, a “hora da saída” é mais temida por diversos alunos, pois é quando são ameaçados, e também é o momento em que o número de testemunhas cresce, e com isso aumenta a humilhação. Lopes Neto assegura:

As dificuldades e temores acabam promovendo um clima de silêncio, que acoberta esses atos e d aos adultos uma falsa sensaco de tranquilidade, com a crença de que o bullying não ocorra, ou de que se trate de um problema menor, não interferindo na dinâmica escolar. Dessa forma:

1. A convivência em ambientes onde as vitimizacoes são diárias, induzem as crianças e adolescentes ao entendimento de que se trata de atos banais e que não merecem atenção ou intervenção;
2. Em grupos sociais onde há crianças agressoras, o comportamento agressivo pode-se tornar uma regra, e os atos de bullying tornam-se recursos eficazes para a manutenção do poder;
3. Ao observarem as agressoes, muitos podem acreditar que adotar esse tipo de comportamento é o melhor caminho para alcançarem a popularidade ou poder, e tentam se transformar em autores de bullying.⁹³

Pode-se pensar que as testemunhas estão neutras nas atitudes de bullying, mas não é assim a realidade, de acordo com a psicóloga canadense Debra Repler que realizou um estudo com as testemunhas do bullying e relata que:

Depois de entrevistar estudantes sobre o abuso coletivo, ela e sua equipe os seguiram com câmeras escondidas e microfones. Os pesquisadores descobriram que quase 60% dos supostos estudantes neutros estavam em termos amigáveis com os bullies. Quase metade dos observadores “não envolvidos” mudou gradualmente para uma atitude de zombaria das vítimas e estímulo aos agressores. Outros estudos demonstraram que a grande maioria dos estudantes coopera com os bullies ou se tornam agressores.⁹⁴

Esta pesquisa mostra como os alunos “não-envolvidos” não estão neutros, apenas são omissos para com seus colegas vítimas e coniventes com os agressores.

⁹² BALDRY, 2005, p. 78

⁹³ LOPES NETO, 2011, p. 55

⁹⁴ REPLER, Debra. *O Resgate de Ofélia: O Drama da Adolescente no Mundo Moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

3 EDUCANDO PARA A PAZ: a presença dos valores éticos no combate da violência escolar

De acordo com Nunes⁹⁵ o contexto escolar é complexo e a escola, em regra, não dispõe de meios adequados ou de respostas eficientes para gerenciar e resolver os conflitos que nela ocorrem. Por isso, além de atividades preventivas que estimulem a reflexão, os educadores precisam desenvolver meios e estratégias que lhes permitam trabalhar com o conflito de forma construtiva, cujos resultados produzam efeitos mais duradouros. Para instrumentalizar o educador com conceitos e atividades facilitadoras na condução harmoniosa dos conflitos escolares, vem ganhando notoriedade a utilização das abordagens restaurativas, que abrangem diálogos, negociações e reuniões restaurativas. Pelos recursos tradicionais, um aluno que pratica uma infração é punido, mas essa punição não provoca, em geral, uma reflexão sobre as causas que estão na origem do conflito.

Diante da desafiadora realidade, é necessário que a escola fortaleça, cada vez mais, os mecanismos autorregulares de convivência escolar, estabelecendo bases normativas fortalecidas por práticas restaurativas informais. A escola é o local do processo de construção coletiva e permanente da formação da pessoa. Por isso, é o lugar adequado para se trabalhar com os valores, com as atitudes e com a formação de hábitos que permitam a conscientização contínua dos alunos sobre a sua importância e o seu papel no contexto familiar, escolar e social. Uma boa forma de aumentar a motivação e a participação dos alunos na escola é o educador planejar atividades curriculares ou extracurriculares, baseadas num contexto de vivência dos alunos e de suas realidades sociais, permitindo que a perspectiva do aprendizado seja também do aluno e não somente do educador.

Se os educadores motivarem os seus alunos para a sua área de conhecimento e conseguirem relacionar e entrosar os conteúdos de sua área pedagógica com habilidades para a prevenção e a resolução pacífica de conflitos, automaticamente estarão trabalhando para minimizar a indisciplina e a violência escolar. Isso porque um bom ambiente escolar é alcançado com motivação, respeito ao próximo e às diferenças, valorização pessoal de cada aluno, melhorias da autoestima, comportamentos de trocas, de solidariedade e, sobretudo, através do diálogo constante.

⁹⁵ NUNES, Antonio Ozório. *Como Restaurar a Paz nas Escolas: Um Guia para Educadores*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 83.

3.1 A PRESENÇA DOS VALORES ÉTICOS NO COMBATE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Na visão de May, “em termos bem gerais e formais, um valor é algo que se considera desejável, que justifica nossas ações e funciona como horizonte para organizar a vida”.⁹⁶ O autor ainda enfatiza que um valor é: 1) um complexo de ideias, imagens e símbolos; 2) impossível de ser definido com exatidão e unanimidade; 3) entendido como necessário para se viver corretamente (moralmente) e promover positivamente a vida humana; 4) que funciona como “guia” e, ao mesmo tempo, como “obrigação” e “ferramenta” para forjar a vida; 5) está enraizado nas necessidades físicas, sociais e psíquicas; 6) é produzido socialmente; 7) integra o universo simbólico e assim assume uma dimensão transcendente e obrigatória. Ou seja, cada aspecto procura determinar e explicar o que seja um valor destacando que a prática de valores contribui para uma convivência humana saudável. May faz a respectiva consideração sobre os valores éticos:

Os valores éticos fundamentam e orientam o discernimento moral. Determinam em grande medida as conclusões e as posturas éticas que assumimos. A análise e a proposição de valores fundamentais são o objetivo axiológico da ética. Os valores funcionam como coordenadas básicas que “sustentam” a ética, assim como os pilares imóveis que sustentam um edifício. Entretanto, os valores e seus significados bem como suas origens não são tão evidentes.⁹⁷

A educação formal, na escola, deve proporcionar ao indivíduo contínua transformação e, como tal, possibilitar a reconstrução social. O ser humano é um ser que está em constante reconstrução, seja como pessoa, seja como membro de um grupo social. É um ser inacabado, porque se constrói a cada nova possibilidade que se avizinha. É um ser potencial, pois tem possibilidade de sempre acrescer novos conhecimentos ao seu repertório. É um ser cultural, já que está inserido em uma estrutura familiar, social e cultural.

Por fazer parte do todo, é difícil convencer o indivíduo sobre a importância ou não de algo, pois o valor e o significado de algo diferem segundo as circunstâncias e as realidades em que os indivíduos estão inseridos. Essa dificuldade é maior quando as diversidades sociais se apresentam. Isso é um fato constante no dia-a-dia em sociedade, pois dentro da cultura há uma subcultura, estas estão em constante diálogo. O que é certo para um não é necessariamente para o outro. Quanto maiores as possibilidades de escolha, mais difícil e complexa é a circunstância de decisão. A educação do sujeito moral demanda uma ação socialmente

⁹⁶ MAY, Roy H. *Discernimento Moral: uma introdução à ética cristã*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 78.

⁹⁷ MAY, 2008, p. 77.

complexa quando fundada na liberdade de pensamento e na responsabilidade. Não se trata apenas de ditar as regras e fazer cumpri-las, trata-se de preservar o espaço para que a regra seja repensada: acolhida ou rejeitada, mas sempre objeto de reflexão, cujo princípio é o respeito ao outro.

A construção do discernimento, a busca do indivíduo esclarecido, não se faz de imediato, é – às vezes - produto de toda uma vida e sempre pode ser aprimorada. Os valores são, sim, relativos a cada momento histórico, mas não são apenas subjetivos / individuais. A autonomia construída deve fundamentá-los em valores universais (princípios), que se renovam historicamente a cada momento. A solidariedade, a justiça e o respeito ao próximo são três desses princípios sem os quais a humanidade estará em risco e com os quais poderá alcançar o máximo de sua dignidade. Não haverá vida humana livre e de qualidade sem a consideração dessa base moral. Goergen afirma,

A educação moral pode ser entendida como um dos aspectos da educação integral, que abrange a educação corporal, a educação intelectual, a educação afetiva, a educação artística, para ficarmos apenas nos aspectos mais tradicionais. A educação ocupa um lugar de destaque porque pretende dar uma orientação e um sentido ao ser humano como um todo; ela, de certo modo, perpassa transversalmente todas as dimensões da formação humana.⁹⁸

A educação em valores está, sem dúvida, no domínio da educação moral, nos limites do *dever fazer*, mas a ultrapassa quando se coloca uma projeção em relação ao futuro dos seres humanos. Que mundo queremos construir? Que indivíduos queremos formar? Como tornar a vida cada vez mais digna? A educação em valores ultrapassa o domínio da educação moral e amplia-se para o da ética porque articula-se em torno de um projeto de ser-humano previamente discutido e assumido.

A educação como instituição social corresponde à estrutura organizacional e administrativa, normas gerais de funcionamento e diretrizes pedagógicas referentes sejam ao sistema educacional como um todo, seja ao funcionamento interno de cada instituição, tal como é o caso das escolas. [...].

A educação enquanto processo corresponde à ação educadora, às condições e modos pelos quais incorporam meios de se educar. Admitindo-se que toda educação implica uma relação de influências entre seres humanos, a educação processo indica a atividade formativa nas várias instâncias com vistas a aprendizagens mediante a atividade própria dos sujeitos. [...].

Enquanto produto, a educação tem o sentido de caracterizar os resultados obtidos de ações educativas, a configuração de sujeito educado como consequência de processos educativos. É o aluno educado como produto da oferta de serviços educativos. [...].

⁹⁸ GOERGEN, Pedro. Educação e valores no mundo contemporâneo. *Educ. Soc.* 2005, vol.26, n.92, p. 983-1011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a13.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2015. p. 983.

Considerando-se que a educação é uma ação, é a educação – processo que caracteriza mais propriamente o fato educativo, fornecendo as bases para a educação – sistema e para a educação – produto.⁹⁹

Educar não é ensinar. Educar é formar um ser humano capaz de conviver e compreender as diversidades presentes no ambiente educacional. Quando alguém ensina transmite conhecimento pré-adquirido, mas, quando educa, possibilita a construção do conhecimento. É na prática educativa que se formam seres integrais, como pregavam os gregos e sua Paidéia.¹⁰⁰ Educador é aquele que nutre seus educandos com possibilidades reais de desenvolvimento e não aquele que os trata como gavetas a serem preenchidas. Desse modo, há necessidade de pensar e fazer. A escola se mantém silenciosa, oferecendo tarefas. A pluralidade encontrada no cotidiano do ambiente escolar exige a valorização do comportamento coletivo e o preocupar-se com o outro. Deve ser em forma de pergunta!

A escola é o espaço de socialização do indivíduo. É nesse ambiente que a criança e o jovem estabelecem o seu vínculo comunitário. A escola precisa oferecer uma dimensão de responsabilidade e de comprometimento do indivíduo com o seu grupo. A falta de comprometimento do aluno com seus problemas socioculturais que são a violência, a desestruturação social, dentre outros, dificulta o processo de apropriação dos códigos de coletividade. Portanto, faz-se necessário que a escola seja um espaço e um ambiente para o desenvolvimento comunitário saudável. De acordo com Reoul, a escola é:

Em primeiro lugar, um estabelecimento destinado a proporcionar um ensino coletivo. Em seguida, a instituição, nacional ou privada, de que este estabelecimento não passa de um órgão. Por fim, a instituição parte de um precedente que prodigaliza o ensino fundamental, idêntico para todas as crianças e sem finalidade profissional; neste terceiro sentido, a escola é uma expressão elíptica para a escola primária, ou elementar ou básica.¹⁰¹

⁹⁹ LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, Para Quê?*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 84 – 85.

¹⁰⁰ JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. Tradução Arthur M. Parreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 3-7. O autor afirma que para o Homem Grego a ideia de educação representava para ele o sentido de todo o esforço humano. Era a justificação última da comunidade e individualidade humanas. O conhecimento próprio, a inteligência clara do Grego, encontravam-se no topo do seu desenvolvimento. Não há qualquer razão para pensarmos que os entenderíamos melhor por algum gênero de consideração psicológica, histórica ou social. Para os Gregos, antes de tudo, a educação não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade. O caráter da comunidade imprime-se em cada um dos seus membros e é no homem, muito mais que nos animais, fonte de toda ação e de todo comportamento. Em nenhuma parte o influxo da comunidade nos seus membros tem maior força que no esforço constante de educar, em conformidade com o seu próprio sentir, cada nova geração. A importância universal dos Gregos como educadores deriva da sua nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade.

¹⁰¹ REBOUL, O. *A Filosofia da Educação*. Lisboa: Edições 70, 2000.

O grande desafio da atualidade educacional está no processo de visualização das múltiplas possibilidades de cada indivíduo. Educar não é concluir essas possibilidades, mas auxiliar a criança, o jovem ou o adulto a compreender as implicações do seu agir. Essa não é uma tarefa isolada e pontual, tampouco uma tarefa para uma instituição apenas. Todas as instituições, especialmente as de caráter público, não poderão se dispensar de contribuir para essa formação. A educação em valores só se viabiliza, de modo mais pleno e amplo, como programa de ações, condutas e estudos em que cada instituição e sujeito envolvido desempenhem a sua tarefa e estejam preparados para ela. Nesse sentido, a educação em valores será sempre um esforço coletivo. No caso de uma escola ou de uma rede, a sua inserção no currículo e a sua tradução no projeto pedagógico supõem a compreensão de que:

- Os professores, assim como os gestores, são responsáveis por ela;
- A educação em valores pode ser objeto de avaliação escolar entendida como diagnóstica;
- A escola não sendo neutra é regida por valores que devem ser objeto de estudo e reflexão da comunidade escolar;
- A formação permanente dos envolvidos é fundamental;
- Os conteúdos cognitivos da ética são importantes e necessários, mas não suficientes para essa caminhada. A prática social da educação em valores é a principal responsável por manter vivos os princípios defendidos coletivamente;
- O projeto pedagógico construído é coletivo e deve buscar criar um consenso em torno dos princípios éticos fundamentais a serem trabalhados.

Currículos que privilegiam a cognição e preocupam-se em avaliar conteúdos, estritamente compreendidos, têm constituído a tendência hegemônica entre as propostas curriculares. Redes estaduais, municipais e privadas de ensino têm trabalhado com propostas centralizadas de currículo, com aulas prontas, apostiladas, sequenciadas, fechadas em tempos determinados, que não preveem a presença dos sujeitos envolvidos na prática educativa, a não ser como executores estritos da prescrição pedagógica. Também não se prevê a necessária transformação da escola em espaço de convívio democrático e solidário, de construção do debate sobre a vida pública. A construção do sujeito democrático, que vive e preza a democracia como um valor, tem sido apenas um discurso nessas propostas. Goergen afirma,

Há uma particular proximidade entre ética e pedagogia. Isto se deve ao fato de haver uma influência mútua entre moral e educação. O ser humano não é um ser moral por natureza, mas precisa ser educado para a moralidade. O comportamento natural do ser humano é, de início, egocêntrico (Piaget) no sentido de que, em princípio, são

sempre as necessidades individuais que têm prevalência e orientam o agir das pessoas.

A semelhança dos outros animais, portanto, o homem busca por natureza a vantagem própria, ou seja, a satisfação de suas necessidades, instintos e desejos. Se a este estado natural não fosse contraposta a exigência moral do reconhecimento, em grau de igualdade, das necessidades dos outros seres humanos, instalar-se-ia aquela situação descrita por Hobbes no seu *Leviatan*: a guerra de todos contra todos, da qual sempre saem vencedores os mais fortes e hábeis. Posição, portanto, contrária à defendida por Rousseau que, no *Emílio*, assume, como vimos, o ponto de vista de que o homem é bom por natureza, pervertendo-se através do contato com a civilização e a cultura.¹⁰²

Pode-se compreender o quanto é difícil ter a fundamentação da ética no convívio humano e dentro do campo social. Com base nesse argumento, prossegue-se com as análises a respeito da ética do cuidado. Aqui vale dizer que a ética e os valores devem necessariamente se traduzir em justiça social e a cidadania sociopolítica que é fruto das relações humanas alicerçadas na ética e na justiça. A justiça sempre é vista como ciência normativa do agir humano, tendo em vista a sua realização individual e coletiva. Também se entende como a arte, a sabedoria de viver e conviver com os outros de modo justo e solidário. Diante das assertivas sobre ética, educação e valores, abaixo estão alguns valores éticos no combate da violência escolar:

1) **Respeito**: os mais afetados pela transgressão da violência escolar além da necessidade de reflexão sobre as suas atitudes, o aluno, ao colocar em prática o respeito aprenderá que todos são iguais e devem ser tratados com dignidade e respeito mútuo¹⁰³.

Acerca do respeito, Antunes também colabora afirmando:

Fazer a criança ou o adolescente descobrir o respeito é etapa essencial de sua educação, mas não etapa única. Segue-lhe a aprendizagem das formas de manifestar o respeito, aprendendo a cumprimentar, a ceder às vezes o lugar, a agradecer. É fácil para uma criança ou adolescente “decorar” frases respeitadas, mas essa memorização não a conduz ao respeito verdadeiro, pois ela necessita compreender que ele nasce na consciência e se externa nos atos. Essa diferença não se descobre sozinho, mas pode ser demonstrada por meio do exemplo, exercitando-a em “pequenas dramatizações” que assumem ares de brincadeira.¹⁰⁴

Assim, o desenvolvimento do sentimento de respeito começa com sua legitimação, isto é, o aluno necessita aprender que o ser humano possui sentimentos diferentes, que são expressos mesmo sem palavras, e que é essencial que se saiba diferenciá-los. Respeitar o outro é também respeitar seus sentimentos. Com o passar do tempo, os adultos aprendem a

¹⁰² GOERGEN, 2007, p. 994.

¹⁰³ NUNES, 2011, p. 83.

¹⁰⁴ ANTUNES, Celso. *Como Ensinar Virtudes e Transmitir Valores*. Campinas: Papyrus, 2005. p. 23.

diferença entre tristeza e alegria, felicidade e frustração, orgulho e vergonha, euforia e mágoa, preocupação e ansiedade, abandono e acolhida, energia e tédio, rejeição e afeto e um mundo imenso de outras palavras que expressam seus sentimentos, mas, para as crianças e os adolescentes, essa descoberta é lenta.¹⁰⁵

2) **Responsabilidade:** praticando a responsabilidade o aluno aprende a relatar os seus problemas, assumindo as consequências pelos seus atos e pelos danos causados à outra pessoa. Além disso, é fundamental que o aluno assuma um efetivo compromisso de manutenção dessa responsabilidade¹⁰⁶.

Antunes argumenta:

Ensiná-los a ser responsável significa tornar-se alguém capaz de “responder” pelos seus atos e, dessa forma, acatar que toda causa gera uma consequência. Se a criança porta-se mal em uma festa ou em um shopping, não há qualquer problema em retirá-la desse lugar, mas após passar a raiva, deve-se conversar com a criança mostrando que seu castigo não surgiu do desejo adulto de castigá-la, mas como inevitável consequência da maneira como agiu.¹⁰⁷

3) **Honestidade:** os alunos, em especial os que são testemunhas, vítimas ou agressores, precisam falar abertamente sobre o conflito, despertando neles o valor do diálogo aberto, da sinceridade e da honestidade.¹⁰⁸

4) **Humildade:** a humildade é trabalhada como valor, pois é através dela que as pessoas aprenderão que ninguém “é perfeito” e que a falibilidade é uma condição humana. Com esse aprendizado, ficará mais fácil para as pessoas admitirem os seus erros e pedirem perdão quando preciso for.¹⁰⁹

5) **Solidariedade:** ao permitir que os alunos reconheçam seus erros, estabeleçam um acordo com a parte conflitante e um final satisfatório para todos, haverá um despertar para o diálogo e para o sentimento de respeito e amor ao próximo.

6) **Empoderamento:** tanto o autor como vítima voltam a ter autodeterminação e autonomia em suas vidas: as vítimas têm um papel ativo no processo dos valores éticos e o infrator é visto como alguém que errou e pode se redimir, responsabilizando-se pelos danos e consequências do ato.¹¹⁰

¹⁰⁵ ANTUNES, 2005, p. 24.

¹⁰⁶ NUNES, 2011, p. 83.

¹⁰⁷ ANTUNES, 2005, p. 64.

¹⁰⁸ NUNES, 2011, p. 83.

¹⁰⁹ NUNES, 2011, p. 83.

¹¹⁰ NUNES, 2011, p. 84.

7) **Interconexão:** o aluno aprenderá que todos, seja na condição de autor ou vítima, estão interligados numa rede de relacionamentos e são pessoas importantes e valorosas para a comunidade.¹¹¹

Nesse sentido, o valor, a estima e/ou a importância atribuída às coisas e às pessoas são variáveis de um indivíduo para outro. Um objeto, uma pessoa, uma idéia possui determinado valor para um indivíduo em virtude dos significados que é agregado a eles, se despertar algum afeto, isto é, se não o deixar indiferente. Cada um dos indivíduos constrói seu próprio sistema de valores, que se integra à sua identidade e influencia sua conduta. Nesse sentido, o primeiro grande desafio no que se refere à formação ética é criar condições para que ela, aos poucos, possa assumir-se como autora de sua própria identidade, constituindo-se como sujeito moralmente autônomo e capaz de tomar nas próprias mãos o seu destino no interior da comunidade.¹¹²

Analisar essa rede de elementos que subjaz à temática dos valores não é algo fácil, transitar por um campo de conceitos, de representações, movediço e arenoso. Entretanto, sendo constantemente convidados, enquanto educadores, pesquisadores e, também, pessoas comuns, a refletirmos e construirmos uma relação crítica com esse tema complicado. Nesse sentido, além de compreender a dinâmica dessas mudanças, consideramos também essencial adentrar ao espaço social de interlocução de conhecimentos e valores que constitui a escola. Espaço este que recebe e articula compreensões de diferentes indivíduos provindos de diferentes contextos sociais.

3.2 EDUCANDO PARA A PAZ NAS ESCOLAS

Para que se possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao bullying em uma determinada escola, é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das consequências advindas desse tipo de comportamento. A conscientização e a aceitação de que o bullying é um fenômeno que ocorre, com maior ou menor incidência, em todas as escolas de todo o mundo, independentemente das características culturais, econômicas e sociais dos alunos, e que deve ser encarado como fonte geradora de inúmeras outras formas de violências são fatores decisivos para iniciativas bem sucedidas no combate à violências entre escolares.¹¹³

¹¹¹ NUNES, 2011, p. 84.

¹¹² GOERGEN, 2007, p. 747.

¹¹³ FANTE, 2011, p. 91.

Dessa forma, sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar na luta pela redução do comportamento bullying torna-se tarefa imprescindível, uma vez que o fenômeno é complexo e de difícil identificação, principalmente por manifestar-se de maneira sutil e velada e por garantir sua propagação através da imposição da lei do silêncio.

Nesse contexto, a abertura da escola para a comunidade durante os fins de semana é essencial. Baseando-se em estudos, a UNESCO¹¹⁴ concluiu filosófica e cientificamente que a abertura das escolas para a comunidade propicia uma base sólida para a integração escola – comunidade e permite um ambiente profícuo para a construção de paz nas escolas. Muitas vezes, em comunidades mais desassistidas, a escola acaba sendo o único espaço de lazer e integração para as crianças e os jovens. Baseadas nas ideias do autor Nunes,¹¹⁵ a seguir quatro sugestões para a melhoria e a construção de um ambiente escolar mais pacífico:

1) Fazer contínua reflexão sobre a construção de um ambiente escolar pacífico e restaurativo:

O educador deve mostrar aos alunos que, assim como a sociedade, a escola deve ter as suas próprias regras. Aliás, para tudo existem regras na vida. É importante que o educador, os alunos e, se possível também os pais, criem as regras do convívio escolar logo nas primeiras aulas, embora essas possam ser estipuladas a qualquer tempo. Quando o aluno ajuda a elaborar as próprias regras, às quais vai se submeter, ele passa a respeitá-las mais, pois elas tornam-se mais justas, ao contrário das regras impostas.

É importante que fique claro a todos que naquele local deve sempre prevalecer um relacionamento de respeito mútuo, de colaboração e de afeto entre os educadores e os alunos. Essa deve ser a filosofia mestra de cada unidade escolar.

2) Desenvolver trabalhos contínuos sobre ações não violentas e de educação para a paz:

a) Planejar com a direção da escola a realização de uma semana da paz e de prevenção à violência, quando poderão ser realizadas atividades com filmes, músicas e poesias, palestras, dinâmicas de grupos, elaboração de cartazes, gincanas da paz, jogos cooperativos entre outros;

b) Manter o hábito diário entre os alunos de estabelecer doses rápidas de reflexão, que podem ser feitas com pensamento, frases, provérbios e máximas, colocadas no canto do quadro ou nas paredes da sala, todas elas retratando otimismo e positividade nas condutas.

¹¹⁴ NOLETO, Marlova Jovchelovitch; CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. *Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz* / . 2.ed. Brasília : UNESCO, 2003. p. 47.

¹¹⁵ NUNES, 2011, p. 58.

Igualmente, podem ser utilizados clipes, vídeos, músicas e leituras que estimulem a reflexão sobre valores.

3) Aperfeiçoar os espaços democráticos no sistema escolar, fortalecer a cidadania, o protagonismo juvenil e a integração com a comunidade:

a) Realização de atividades com os pais dos alunos e com a comunidade: os pais de alunos e a comunidade devem se sentir parceiros na educação, no processo de aprendizagem dos alunos e no trabalho de prevenção à violência escolar. A criação de conexões e vínculos com a comunidade deve ser constante.

b) Além disso, a escola deve promover atividades que aumentem o elo com a comunidade. Dentre elas: eventos para o lazer e para a integração, com a participação de todos; apresentação na escola de atividades e shows de grupos populares do bairro ou da cidade. Nos eventos deverão ser trabalhadas atividades de não violência e de busca da paz.

c) A escola deve valorizar, incentivar e centrar as suas atenções naqueles alunos que são vítimas da família, da sociedade e de pessoas da própria escola e que muitas vezes são os mais problemáticos. Em vez de criar um clima de exclusão, o caminho deve ser oposto, o da inclusão.

4) Aprimorar as relações humanas, o diálogo e a cooperação entre todas as pessoas da comunidade escolar:

a) Os educadores devem ter um constante diálogo com os pais sobre o comportamento dos alunos, seja através das reuniões periódicas, seja através de pequenos questionários que deverão ser respondidos pelos genitores. A participação dos pais ajudará na mudança comportamental do aluno. Os pais deverão estar cientes da necessidade dessa colaboração.

b) Uso da linguagem construtiva. O educador deve elogiar o aluno que agiu corretamente, ressaltando os aspectos positivos de conduta, mas deve também dar atenção e comunicar-se em linguagem construtiva com aquele aluno mais difícil, mostrando vontade em dar-lhe apoio, atenção e ajuda.

c) Assim como a escola, os educadores também deverão dar uma atenção diferenciada aos alunos considerados mais difíceis. Ao dar-lhes mais atenção, ao dizer a eles que espera deles mais cooperação e apoio, o educador despertará mais comportamentos positivos e ajudará a integração daquele aluno.

Nessa conjuntura, o presente capítulo abordou a contribuição dos valores éticos no combate da violência escolar destacando a relação da ética, da educação e dos valores tão importantes no seio escolar e principalmente colocando em xeque uma educação para a paz

que constitua na escola um espaço cativo de construção coletiva do saber e ao mesmo tempo ajude no desenvolvimento de várias competências e valores essenciais para as crianças e os adolescentes nas suas relações interpessoais e para a inserção social.

CONCLUSÃO

Conforme foi abordado no respectivo trabalho, a violência permeia a sociedade. É um fenômeno da sociedade contemporânea, facilmente identificável nas mais diversas áreas. As escolas não estão imunes. Ao contrário, o bullying e a indisciplina são realidades presentes na maioria das escolas, levando a situações de desequilíbrio e desarmonia no funcionamento escolar. São situações de discriminação, exclusão e humilhação que afetam os relacionamentos das crianças e dos jovens e causam desajustes no convívio escolar e social. Na busca de respostas que pudessem satisfazer o principal questionamento que envolveu a presente pesquisa deparou-se com uma triste realidade: são inúmeras as formas de violência velada que enfrentam muitos alunos, dentre elas humilhações, gozações, ameaças, imputação de apelidos constrangedores, chantagens, intimidações.

Na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar. Na realidade, grande parte dos/as educadores/as não assume suas responsabilidades, discriminam alunos, não estimulam e apresentam uma postura nada amigável, colocando uma barreira no relacionamento professor-aluno.

Observa-se que o fenômeno da violência escolar é complexo, multifatorial e pluricausal, superando os muros e possibilidades da escola e até questionando o próprio sistema educacional, que não é capaz de responder às necessidades das crianças e adolescentes. São múltiplas e estão inter-relacionadas. A partir da identificação dos fatores causadores da violência programas de intervenção nos diferentes âmbitos e com os diversos atores envolvidos: comunidade externa, família, educadores e alunos.

Trabalhar a educação para a paz nas escolas, para evitar que os conflitos se transformem em violência, é um aprendizado e uma construção incessante; praticar os valores éticos, principalmente, quando o conflito surgir mais intensamente é a melhor forma de restaurar relações e permitir que as crianças e os jovens desenvolvam concretamente o aprendizado de valores humanos essenciais como o respeito, a amizade, o pertencimento, a conexão, a humildade, a honestidade, a solidariedade, o perdão, entre outros. Prevenir e gerenciar a violência nas escolas significa tornar a própria sociedade menos violenta, pois quanto mais os jovens gerenciarem positivamente os seus conflitos, menos violentas serão as

escolas e menos jovens serão autores ou vítimas de atos violentos, seja no presente ou no futuro.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. *Violências nas Escolas*. Brasília: UNESCO, 2003.
- ANATRELLA, T. *Diferença Interditada: Sexualidade, Educação e Violência*. São Paulo: Loyola, 2001.
- ANTUNES, Celso. *Como Ensinar Virtudes e Transmitir Valores*. Campinas: Papyrus, 2005.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998.
- ARROYO, M.G. Quando a Violência Infanto-Juvenil indaga a Pedagogia. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 787-807, out. 2007
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência Intrafamiliar: Orientações para a Prática em Serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- CARAM, D. *Violência na Sociedade Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CECCOPIERE, Ana Paula Lopes. *Jornada inicial para a compreensão da relação violência-escola*. 2003. 32 f. Monografia (Pós-Graduação em Psicopedagogia). Universidade Cândido Mendes, 2003. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/6/ANA%20PAULA%20LOPES%20CECCOPIERI.pdf>. Acesso em 15 jun. 2015.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, n.8, p. 432-443, 2002.
- CHAUÍ, M. *Uma Ideologia Perversa*. Folha de São Paulo. São Paulo: Caderno Mais, 1999.
- COSTA, E, H. C. *A Trama da Violência na Escola*. Rio de Janeiro: FGV, 1993.
- COSTA, J. F. *Violência e Psicanálise*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- DIMENSTEIN, G. *O Cidadão de Papel*. São Paulo: Folha de São Paulo, 1996.
- FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 6. ed. rev. ampl. Campinas: Verus Editora, 2011.

- GOERGEN, Pedro. Educação e valores no mundo contemporâneo. *Educ. Soc.* 2005, vol.26, n.92, p. 983-1011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a13.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2015.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- GONÇALVES, L; TOSTA, S. (org). *A Síndrome do Medo Contemporâneo e a Violência na Escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. Tradução Arthur M. Parreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEVISKY, D. V. *Adolescência e Violência: Consequências da Realidade Brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos, Para Quê?* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LOPES NETO, Aramis Antonio. *Bullying: Saber Identificar e Como Prevenir*. São Paulo: Brasilense, 2011.
- MAY, Roy H. *Discernimento Moral: uma introdução à ética cristã*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.
- MELO, Josevaldo Araújo de. *Bullying na Escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo*. Recife: EDUPE, 2010.
- MURATORI, F. *Jovens Violentos: quem são, o que pensam, como ajudá-los*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- NETO, Francisco Carlos de Aguiar. *As diversas violências na escola: ensino, constrangimento e agressão no ambiente escolar*. 2011. 58 f. Dissertação (mestrado em Teologia). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.
- NOLETO, Marlova Jovchelovitch; CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. *Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz /*. 2.ed. Brasília : UNESCO, 2003.
- NUNES, Antonio Ozório. *Como Restaurar a Paz nas Escolas: Um Guia para Educadores*. São Paulo: Contexto, 2011.
- ODALIA, N. *O que é Violência*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- PARO, Vitor Henrique. Gestão Escolar: O Diretor deve ouvir quem está na escola. *Revista Nova Escola*, ano IV, nº 18, Fevereiro/Março – 2012.
- PEREIRA, Sônia Maria de Souza. *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*. São Paulo: Paulus, 2009.

PERINE, M. *Filosofia e Violência: sentido e intenção da filosofia de Eric Weil*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

PESSOA, Licínio. *A Escola como Organização Educativa*. São Paulo: Cortez, 1999.

REBOUL, O. *A Filosofia da Educação*. Lisboa: Edições 70, 2000.

REPLER, Debra. *O Resgate de Ofélia: O Drama da Adolescente no Mundo Moderno*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROYER, Égide. A Violência Escolar e as Políticas da Formação de Professores. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). *Violência nas Escolas e Políticas Públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.

SACRAMENTO, L; REZENDE, M. *Violências: lembrando alguns conceitos*. n. 24, p.95-104, jul./dez. 2006.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: Mentos Perigosas nas Escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, Jadir Cirqueira de. *Refém da Violência Escolar: Como Reagir?* Uberlândia, 2007.

THOMSON, Oliver. *A Assustadora História da Maldade*. São Paulo: Ediouro, 2002.

WESTPHAL, M. F. *Violência e Criança*. São Paulo: EDUSP, 2000.

WINNICOTT, D. W. *A criança e o seu mundo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.